



*Segunda Edição Especial*

# Extensão em Revista

Memórias do Isolamento

ISSN 2525-5347



editora  
UEA

Governo do Estado do Amazonas

Wilson Miranda Lima

**Governador**

Universidade do Estado do Amazonas

André Luiz Nunes Zogahib

**Reitor**

Katia do Nascimento Couceiro

**Vice-Reitora**

*editora*UEA

Isolda Prado

**Diretora**

Socorro Freitas

**Secretária Executiva**

Wesley Sá Editor

**Executivo**

Raquel Maciel

**Produtora Editorial**

André Castro

Wesley Sá

**Revisão**

Loredane Queiroz

Karine Moraes

**Diagramação**

Darlisom Sousa Ferreira

**Editor Chefe**

Wagner Ferreira Monteiro

**Editor Científico**

Flávia Roberta Ferreira de Souza

**Secretária Executiva**

Wellington Douglas dos Santos Dias

**Organização do volume**

Lorena Soares de Lima

**Colaboradora**

Prof.<sup>a</sup> Dra Ana Paulina Aguiar Soares

Prof. Me. Anderson Barroso de Oliveira

Prof.<sup>a</sup> Ma. Alva Rosa

Prof.<sup>a</sup> Dra. Carina Santos Almeida

Prof.<sup>a</sup> Pós Dra. Deise Lucy

Prof. Dr. Eduardo Vasconcelos

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ítala Isis de Araújo

Prof. Me. Madirson Francisco Souza

Prof.<sup>a</sup> Dra. Samela Silva

Prof. Dr. Sanderson C. S. Oliveira

Prof.<sup>a</sup> Pós Dra. Silvana Andrade Martins

Prof.<sup>a</sup> Dra. Silvia Carla Marques Costa

Prof.<sup>a</sup> Dra. Socorro de Souza Batalha

**Conselho Científico**

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO \_\_\_\_\_ 5-9

ENTREVISTA \_\_\_\_\_ 10-32

RELATOS \_\_\_\_\_ 33-56

RECORTES \_\_\_\_\_ 57-71

TRADUÇÃO \_\_\_\_\_ 72-83

## MEMÓRIAS DO ISOLAMENTO

Esta edição da **EXTENSÃO EM REVISTA** da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade do Estado do Amazonas tem como objetivo compartilhar através de textos, imagens e links de acesso a vídeos no Canal Oré, no *Youtube*, o segundo volume de conteúdos produzidos na ação “Memórias do Isolamento” realizada pelos projetos de extensão “Tecendo Diálogos Interculturais” e “Práticas de Leitura e Escrita: o português como L2 para acadêmicos indígenas”, coordenados pelas professoras Célia Aparecida Bettiol, Jeiviane Justiniano da Silva, Luiz Davi Vieira Gonçalves e Wellington Douglas dos Santos Dias durante a pandemia de Covid-19 no Estado do Amazonas em 2020 e 2021.

Os projetos de extensão acontecem em Manaus e os integrantes são acadêmicos/as indígenas e não indígenas matriculados nos cursos de Ciências Biológicas, Geografia, Letras, Pedagogia, Ciências Econômicas, Matemática e Teatro da UEA. No caso dos indígenas, alguns vieram direto de suas comunidades para a capital após a aprovação no vestibular, outros já residiam em Manaus para onde suas famílias vieram há tempos. O ingresso desses discentes se deu via vestibular no grupo 8 (reserva de vagas indígenas, estabelecida pela Lei ordinária nº 2894/2004 do Estado do Amazonas).

Os discentes não indígenas que participam do projeto, atuam como apoio no desenvolvimento de atividades artísticas, produção de eventos e monitores do projeto “Práticas de Leitura e Escrita: o português para acadêmicos indígenas” em conjunto com o projeto “Tecendo Diálogos Interculturais”. O projeto de português para acadêmicos indígenas assume a língua nativa como símbolo de uma cultura e o português como língua de contato, com funcionalidades específicas que não se sobrepõem à língua de origem dos estudantes indígenas.

O nome “Tecendo Diálogos Interculturais” nos remete à metodologia utilizada no mesmo. Tecer é uma atividade que faz parte do cotidiano dos povos indígenas e quase sempre é feita de forma coletiva e colaborativa. No

projeto o sentido de tecer é a construção conjunta de um espaço de diálogo que objetiva ser intercultural.

O projeto conta com a parceria do TABIHUNI: Núcleo de Pesquisa e Experimentações das Teatralidades Contemporâneas e suas Interfaces Pedagógicas CNPq/ESAT-UEA, visando também desenvolver pesquisas voltadas para o campo da corporeidade, da performance arte e do ritual indígena em diálogo com as interfaces pedagógicas propostas no projeto. A parceria com o TABIHUNI vai ao encontro do desejo de desenvolver atividades como montagens artísticas, vídeos-performances, publicações de artigos e livros e, realização de eventos artísticos e acadêmicos junto com o povo indígena da Amazônia Brasileira.

Para realização desta edição da **EXTENSÃO EM REVISTA** foi criada uma equipe de produção e organização das seções da revista (Entrevista, Relatos de Experiência, Recortes e Tradução) coordenada pelo professor Wellington Dias junto aos discentes Estélio Lopes Cardoso, Larissa Beatriz Dias Rocha, Janderley Alisson de Oliveira Souza, Marcelo Sarmiento Rezende, Manuela Fernanda de Souza Albuquerque, Margareth Botero Diaz Vaz, Maria Alice da Silva Paulino, Mayara Pereira Batista, Miller Brito dos Santos, Rayanna Maurício dos Santos e Viviane Palandi que esteve envolvida no contato e apoio ao desenvolvimento dos trabalhos aqui apresentados, tornando assim, esta edição uma obra coletiva, construída na base do diálogo com acadêmicos indígenas dos povos originários Apurinã, Baré, Desana, Karapãna, Kokama, Munduruku, Sateré Mawé, Ticuna, Tukano, Tuyuka e Witoto que estudam ou já se formaram nos cursos de graduação da Universidade do Estado do Amazonas, bem como a parceria com professores e professoras das áreas de Educação Escolar Indígena, Linguística, Teatro, Artes Visuais, Antropologia, Geografia, História que foram pareceristas dos trabalhos aqui selecionados e que contribuíram de forma significativa no apuro, alinhamento e aprofundamento dos detalhes das experiências aqui compartilhadas. O corpo de pareceristas desta edição foi composto por Prof<sup>a</sup> Dra. Ana Paulina Aguiar Soares, Prof<sup>o</sup> Me. Anderson Barroso de Oliveira, Prof<sup>a</sup> Ma. Alva Rosa Lana Vieira, Prof<sup>a</sup> Dra. Carina Santos de Almeida, Prof<sup>a</sup> Pós Dra. Deise Lucy

Oliveira Montardo, Prof<sup>o</sup> Dr. Eduardo Alves Vasconcelos, Prof<sup>a</sup> Dra. Ítala Isis de Araújo, Prof<sup>o</sup> Me. Madirson Francisco Souza, Prof<sup>a</sup> Dra. Sâmela Ramos da Silva Meirelles, Prof<sup>o</sup> Dr. Sanderson C. S. Oliveira, Prof<sup>a</sup> Pós Dra. Silvana Andrade Martins, Prof<sup>a</sup> Dra. Silvia Carla Marques Costa e Prof<sup>a</sup> Dra. Socorro de Souza Batalha.

Os trabalhos aqui apresentados foram realizados por acadêmicos indígenas e não indígenas que integram os projetos de extensão “Tecendo Diálogos Interculturais” e “Práticas de Leitura e Escrita: o português como L2 para acadêmicos indígenas” e, que, desde o início da pandemia de Covid-19 em março de 2020 no Amazonas, buscaram escrever textos, bem como registrar momentos de seu cotidiano através de fotografias e vídeos apresentando as diferentes formas de relacionamento humano e engajamento social que vivenciaram nesse contexto histórico em que o mundo atravessa tal crise sanitária e humanitária que teve como um dos epicentros no Brasil, o Estado do Amazonas.

Nesse sentido, na presente edição da **EXTENSÃO EM REVISTA** se perceberá em muitos textos a importância da valorização do português escrito por indígenas, enquanto registro do processo intercultural que tais indivíduos vivenciam diariamente no contexto de suas vidas e na universidade. Acreditamos que desta forma nos conectamos e podemos contribuir com as metas e objetivos da Década Internacional das Línguas Indígenas (2022-2032) que foi instituída na Assembleia Geral das Nações Unidas de 18 de dezembro de 2019, e que se caracteriza como um programa de ações e encontros que dá seguimento aos debates ocorridos no âmbito do Ano Internacional das Línguas Indígenas proclamado pela UNESCO em 2019. No ano de 2020, na Cidade do México, foi elaborado a Declaração de Los Pinos, que definiu os princípios-chave que orientam a Década Internacional, como a participação efetiva dos povos indígenas nos processos de tomada de decisão, consulta, planejamento e implementação de políticas e programas internacionais de revitalização e valorização das línguas indígenas.

Nesta edição da **EXTENSÃO EM REVISTA** iniciamos com a entrevista feita pelo acadêmico indígena Estélio Lopes Cardoso Munduruku

e o professor Wellington Dias junto à professora e liderança indígena tukano Alva Rosa. Nas seções Relatos de Experiência temos 11 trabalhos e na Recortes 15 trabalhos que trazem à tona as experiências pessoais e coletivas de discentes (indígenas e não indígenas) e docentes da ENS e ESAT/UEA no contexto de isolamento social ao longo do ano de 2020. São textos e imagens que apresentam seus cotidianos, inseguranças individuais, esperanças, crenças e até mesmo a coragem de ações solidárias empreendidas por muitos indígenas e suas organizações em contexto urbano e nas aldeias em prol da segurança sanitária de seus parentes (através da feitura e distribuição de máscaras, realização de campanhas de doação de alimentos e fortalecimento emocional no isolamento familiar). São textos em formato de escrita livre, alguns com linguagem poética, descritiva, sucinta e urgente de acordo com as situações pelas quais os autores/as passaram.

A proposta da seção **Recortes** é apresentar fotografias e colagens digitais que registram o cotidiano de resistência em meio à pandemia, os auto cuidados, locais de refúgio e fortalecimento emocional em meio a toda crise sanitária mundial; em especial às formas como as populações indígenas enfrentaram esse período no Estado do Amazonas, onde possuem um longo histórico de lutas pela garantia do direito a seus territórios, do respeito às suas culturas e dignidade enquanto homens e mulheres que representam coletividades, saberes ancestrais, que prezam pelo bem-estar do planeta e de todos os seres que nele habitam.

Na seção **Tradução** temos 3 trabalhos nas línguas nhengatu, kubo e sateré-mawé (com tradução para a língua portuguesa) produzidos pelas acadêmicas indígenas Maria Alice da Silva Pinto (pertencente ao povo karapãna e discente do curso de Teatro da ESAT-UEA), Darcineia Gonçalves Saldanha (pertencente ao povo kubo e discente do curso de Enfermagem da ESA-UEA) e Inara Vieira Sateré (pertencente ao povo sateré mawé e discente do curso de Geografia na ENS-UEA).

A ação “Memórias do Isolamento”, apresentada na **EXTENSÃO EM REVISTA** em dois volumes é dedicada à memória do líder indígena tukano Cristo Benissom Barreto Machado, acadêmico de Pedagogia da Escola



Normal Superior da UEA, integrante dos projetos “Tecendo Diálogos Interculturais” e “Práticas de Leitura e Escrita: o português como L2 para acadêmicos indígenas” que faleceu em abril de 2021 nos deixando muitas saudades, um grande legado e muita inspiração em toda sua sabedoria, afeto, alegria, generosidade, acolhimento de seus parentes e intensa participação nas equipes de trabalhos acadêmicos, artísticos e pedagógicos que desenvolvemos juntos. Que sua luz continue nos iluminando, querido e eterno guerreiro Benissom!

**Wellington Douglas dos Santos Dias**

Organizador deste volume

Professor do Curso de Teatro da ESAT/UEA

**Com Profa. Ma. Alva Rosa Lana Vieira**

Doutoranda em Educação - PPGE/UFAM

E-mail: alvajuly@gmail.com

**Por Estélio Cardoso Munduruku**

Mestrando em Geografia- PPGG/UNIR

E-mail: elcr.geo17@uea.edu.br

**Por Prof. Me. Wellington Dias**

Professor do Curso de Teatro da ESAT/UEA

Coordenador do Projeto de Extensão Tecendo Diálogos Interculturais

E-mail: wdias@uea.edu.br

**Wellington Dias:** Bom dia a todos e todas! Estamos aqui com a professora Alva Rosa e Estélio Munduruku.

Me chamo Wellington Dias, e conversaremos com a professora Alva Rosa sobre várias perguntas que nós ao longo deste processo de trabalho com os povos indígenas dentro da Universidade do Estado do Amazonas, percebemos questões que poderiam ser elucidadas por ela, que tem esta experiência de vida e de luta junto à educação indígena. Então professora, bom dia, seja bem-vinda.

**Alva Rosa:** Bom dia, professor Wellington e Estélio Munduruku.

Antes de iniciar, gostaria de me apresentar. Eu sou professora da rede estadual, fiz mestrado e agora estou no doutorado em Educação. Então faço uma caminhada acadêmica, mas como tudo na vida, não é fácil. É mais um desafio que nós podemos enfrentar, e nós podemos também conquistar. Então, gostaria de representação como indígena. Lá atrás, eu também comecei toda esta luta e hoje estou aqui ainda na academia, então falar sobre educação escolar indígena foi um processo de construção também como indígena. Porque tudo passa por caminhar, por participar das reuniões do movimento indígena, de falar com as instituições, então é uma caminhada que a gente vem fazendo há anos, mas todos os anos aprendendo. Estar na educação superior, estar na universidade ainda é um desafio novo para nós todos, então isso não é difícil, vamos enfrentar, já que, nossa vida sempre foi enfrentar este sistema brasileiro que não

reconhece a nossa diversidade, mas nós estamos aqui justamente para dizer que nós estamos aqui, nós estamos vivos, nós estamos presentes e fazemos parte desta sociedade brasileira.

**Wellington Dias:** Obrigado professora, muito obrigado. Eu passo também aqui a palavra para o Estélio, quer se apresentar?

**Estélio Munduruku:** Obrigado professor, muito obrigado professora Alva Rosa, também que está aqui conosco nessa entrevista. Eu sou acadêmico do curso de Geografia da Escola Normal Superior, eu estou no oitavo período da graduação já finalizando, e ter a professora Alva Rosa como indígena que já está no doutorado é uma honra, porque são poucos indígenas que estão neste caminho, neste processo de doutorado. Ressaltando que, é muito importante ter pessoas que estão neste nível, é também trilhar esse caminho, porque o povo indígena de modo geral, precisa engajar na luta, mas principalmente no doutorado como a professora Alva Rosa está. Principalmente na educação, aqui é o pilar da base do povo indígena de modo geral, e para mim também é uma satisfação estar aqui com ela, principalmente o encontro entre povos Tikuna e Munduruku, e eu acho muito importante essa troca de diálogo. É uma pessoa que tem mais experiência, mais nível de histórias para contar, para falar e também para nos orientar neste sentido. Agradeço muito por estar participando aqui com vocês, preciso ver principalmente a professora Alva Rosa, muito obrigado professora.

**Wellington Dias:** Maravilha Estélio, muito obrigado pela presença e colaboração ao longo de todo esse processo de construção das entrevistas; estas perguntas que vão ser feitas aqui para a professora foram elaboradas por mim e em parceria com o Estélio ao longo desses encontros.

Para começar, vamos fazer a dinâmica de: uma pergunta Estélio, outra pergunta por mim. Fique à vontade professora para responder no tempo que você quiser. Nossa primeira pergunta é: quais os maiores desafios hoje na educação escolar indígena no Amazonas?

**Alva Rosa:** Quando eu vi as perguntas, fiquei pensando, são tantos desafios; mas eu vou dividir em dois momentos essa resposta. Nessa primeira resposta, antes da Constituição Federal de 1988, eu vou fazer um contexto geral, o nosso principal desafio, era o reconhecimento dos povos indígenas no Estado brasileiro. Esse foi o nosso principal desafio de

reconhecimento como cidadãos. Conseguimos quando a Constituição de 1988, no decorrer nós fomos conquistando as políticas, entendeu? Hoje, nós temos um desafio maior, que nós temos várias perdas do nosso direito no atual governo federal. Nós estamos tendo vários desmontes [dos direitos] conquistados pelos povos indígenas. Vou no foco da educação escolar indígena, que foram tantas conquistas no âmbito da legislação, isso lógico das políticas, e hoje eu posso dizer, qual nosso principal desafio para a escola indígena? Primeiramente, você está aqui para aprender que há uma diferença entre educação indígena e a educação escolar indígena: a educação indígena, é o conhecimento que se aprende com os nossos pais e dentro das comunidades; e educação escolar indígena, é o que se aprender na escola, na universidade, entendeu?

Tem esse aspecto também, na diferença. Com isso o nosso principal desafio é a educação escolar indígena, é justamente o sistema brasileiro [entender] essa diversidade da educação, compreender que nós aqui no Amazonas, nós somos praticamente 100 povos indígenas que têm sua cultura, sua língua. Como eu sou do povo Tukano, Estélio do povo Munduruku. Nós somos completamente diferentes, a língua Munduruku ainda é viva, a língua Tukano, aqui no alto Rio também é viva. Bem, então nós temos nossa própria [língua]. No sistema educacional é muito difícil compreenderem isso, essa diversidade, eles querem igualar. Nosso principal objetivo é a educação escolar indígena, é justamente o reconhecimento da diversidade de povos, porque é muito difícil eles aceitarem os currículos que é uma dificuldade até hoje. Por exemplo, aqui em São Gabriel da Cachoeira, nós temos 23 povos e 19 línguas indígenas, imagina você numa escola trabalhar uma língua? Vou lá na minha terra, que é o distrito de Iauaretê, são três línguas faladas; vamos estudar língua tukano na escola, o que vai acontecer? Todos aqueles falantes das línguas tukano e tariano vão estar estudando Tukano, e o que vai acontecer? Vai estar matando essas línguas para falar o Tukano. Isso eles não conseguem compreender, entendeu? Esse é um dos principais gargalos, que nós temos que conquistar, falar com o sistema sobre essa diferença. O nosso principal desafio continua sendo o reconhecimento da diferença de povos dentro da educação escolar indígena na educação básica. A universidade é muito colonialista ainda, aos poucos ela está abrindo as portas para esses povos, e

o que eu quero dizer com isso, as universidades não conseguem apresentar uma política de fato, não conseguem compreender uma luta que nós estamos fazendo diariamente dentro do crescimento indígena, tanto o trabalho da UFAM, da UEA sobre o conhecimento dos povos indígenas. Como é que um estado que tem a maior população indígena do país não tem uma política de educação para os povos indígenas no ensino superior, entendeu? Essa é uma das metas que a gente já começou a lutar, a universidade ainda é muito fechada. É um grande desafio para nós. Na educação básica é justamente aonde já conquistamos uma parte, mas ainda continua o reconhecimento da diversidade dentro do currículo do sistema da educação; e na educação superior é o reconhecimento dos povos indígenas, porque não tem nenhuma política para os povos indígenas de fato na educação superior. Iniciou-se, tem início? Tem, mas não de fato dando uma visibilidade como faz a UnB, por exemplo. Eu dou sempre o exemplo aqui do nosso vizinho Roraima, que tem uma faculdade indígena, nosso vizinho e aqui nenhuma das três universidades conseguem apresentar. Eu dou início com esses desafios, que nós temos tanto na educação básica quanto na superior.

**Estélio Munduruku:** Esse estágio-desafio professora, eles acarretam muito, principalmente aqui fora porque a gente sabe como indígena que vem do interior, que vem da aldeia, a dificuldade ela já é encontrada nos que moram aqui na cidade, imagina quem vem da aldeia e fala sua língua nativa, e que ainda preserva sua cultura.

Quando eu cheguei aqui fora, na universidade, a gente encontra essa barreira entre a cultura indígena e a não-indígena, entre a língua portuguesa e a língua indígena. São tantos os fatores, que precisa a universidade enquanto uma instituição, que universaliza vários contextos de diferentes povos, uma presença que a gente como indígena luta para sobreviver. É como se fosse uma lei da natureza, a gente fica lutando entre as plantas mais grandes para poder sobreviver nesse ambiente.

É muito importante o que a Senhora falou mesmo sobre a questão da educação, principalmente no Amazonas. Porque eu falo que o Amazonas é um país. Um país indígena, que tem vários povos, várias línguas e várias culturas. A Amazônia, nesse sentido, precisa ver e analisar um ponto de vista mais específico com relação à educação do nosso estado.

A próxima pergunta que elaboramos: Como a interculturalidade contribui para o fortalecimento das políticas indígenas em Manaus e no Amazonas?

**Alva Rosa:** Hoje nós queremos uma educação escolar indígena intercultural. Acho que não podemos dizer, que não queremos uma educação escolar indígena culturalista, porque você não pode fugir dessa realidade. O que vou dizer, dar um exemplo concreto aqui, por exemplo, lá nas aldeias, nas comunidades indígenas, hoje tem internet, aqui a FOIRN, Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, ela implantou em cada comunidade a internet. De qualquer forma, todos aqueles lá mais na ponta, eles colocaram nas principais comunidades indígenas estratégicas os pontos de Wi-Fi, então eu não tenho mais como fugir dessa realidade. A tecnologia está chegando na aldeia, eu tenho que trabalhar com a interculturalidade numa coisa bem mais simples, o que é essa interculturalidade? Os dois conhecimentos.

Você tem que conhecer essa cultura, você conhecer sua história e também você está conhecendo outro mundo, você está vivenciando, então eu não tenho mais como hoje dizer que o indígena está só lá na comunidade.

Nós estamos lutando pelo reconhecimento dos povos indígenas de fato, pela sociedade brasileira, pela universidade, pelo sistema de educação, para isso nós temos que ter conhecimento desses povos do sistema nacional. Porque eu tenho que conhecer para eles compreenderem o que nós queremos, entendeu? Eu sempre lembro das falas do Davi Kopenawa, nunca esqueci quando ele fala “Meus filhos. Vão estudar lá em Roraima. Eu vou estudar lá, e depois vocês. Vão aprender a língua deles. Vão aprender para vocês voltarem e começar a defender igual também”, entendeu? É isso que nós queremos. É o que é a interculturalidade.

Hoje quando você pergunta. Acho que conhecer para gente poder falar, mostrar o que nós queremos. Porque se a gente ficar no nosso mundo, só com a nossa cultura, só com a nossa língua, a gente não vai conseguir falar, conversar, dialogar. A interculturalidade é importante para nós, é importante para nós conhecermos, entendeu?

Por que que eu estou fazendo hoje o doutorado em Educação? Porque sim. Por que é para eu ter título? Também sim, mas principalmente para

mostrar também que nós indígenas somos capazes, entendeu? Eu não consigo ficar só no doutorado estudando. Meus colegas, a maioria deles, pediram licença para o doutorado para estudar. Estou estudando, lendo e escrevendo. Não tenho como ficar só em casa, estudando e lendo, tenho que estar sempre ajudando, porque se eu não fizesse a parte de estar participando dentro do movimento indígena, quem vai estar fazendo, entende? Eu levo assim, tudo que eu estou aprendendo é para ajudar os parentes, para ajudar os indígenas. Mostrando os caminhos para a gente poder estar alcançando. Não consigo, eu não consigo ficar só estudando, sabendo que meu povo está precisando de ajuda, de documento, na revisão de documento. Os meus colegas dizem “Rosa você precisa estudar, focar no doutorado para você depois ajudar” como é que eu vou estudar nesse momento de retrocesso de direitos, que nós estamos sofrendo a cada dia? Praticamente tudo que as lideranças passadas conquistaram. Eu como indígena estar de camarote, assistindo esse desmonte, eu não consigo. Por isso, eu digo assim “nós estamos na academia. Vamos fazer a nossa diferença, vamos fazer a nossa parte lutando. Nem que seja escrevendo documento, participando”. Nisso, imagina professor, se eu tivesse o mínimo de conhecimento de escrita, como que eu ia ajudar? É o que eu digo, a importância dessa realidade é isso, essa realidade é você está discutindo a interculturalidade como os ensinos, com todas as instituições de ensino de igual para igual. Isso está fazendo a diferença nacional também. Quando você vê as heranças já discutidas, você acha que a senhora agora, já era professora de letras? Se eu não tivesse o mínimo de interesse, a diferença. Como tem uma Celia Xacriabá também, que é uma doutoranda em antropologia, lá de Minas Gerais. Nós temos o próprio Keitan, lá do Rio Grande do Sul que está estudando. A Josiléia Calibã está fazendo também doutorado em Antropologia. São referências também de lutas indígenas que estão de frente lá na PIB, a nível nacional. Como nós temos também o Dinamã Tuxaki que é advogado, que é estudante de Direito da UnB. A interculturalidade é fundamental. A gente sempre diz, a nossa história não pode mais deixar nós de fora, porque para falar de nós tem que ser com a presença de nós, indígenas também, tanto na educação básica como na educação superior. Nós estamos aqui, nós estamos trabalhando, daí a importância da interculturalidade, dos conhecimentos,

já foi o tempo que as pessoas falavam por nós, hoje nós falamos por nós mesmo.

Eu vejo essa importância, dessa interculturalidade, tanto a nível estadual como a nível nacional e também a nível local, em cada município. Como a que vemos São Gabriel da Cachoeira. Nós temos vários secretários municipais indígenas, o coordenador regional da Seduc aqui. Nosso presidente da Câmara municipal aqui é um Baré. O prefeito de São Gabriel da Cachoeira é indígena do povo Tariano. O nosso presidente da FOIRN, é um é Baré, entendeu? São distâncias de representação, mas que tem conhecimento do sistema brasileiro e também os conhecimentos indígenas; é a interculturalidade: você ter os dois conhecimentos. Então daí a importância, por isso eu digo assim, o que nós queremos hoje é uma educação intercultural.

**Estélio Munduruku:** Percebi que é verdade mesmo, eu vejo muito essa fala entre as lideranças em geral. A sua fala, é as falas da liderança dos caciques. É o encontro de duas culturas, que nós precisamos conhecer, nós como jovens precisamos conhecer a cultura do não-indígena. Essa corrente para exatamente lutar, voltar para a aldeia, para o lugar de origem. Porque hoje em dia, nós sabemos que mesmo com tanta luta, com muita conquista que o povo indígena de modo geral, já conseguiu ao decorrer desses anos, a gente ainda está sofrendo com o processo colonialista. Querem tirar as terras por força, nos despossar de nossas terras, então conhecer um outro mundo, conhecer outra língua, é fundamental para nós enquanto indígena, porque a gente consegue lutar, a gente consegue entender a língua que não é nossa para exatamente nos favorecer na luta, para a gente conhecer os nossos direitos também. Porque a gente vive dentro de um país que, se nós não conhecermos a língua portuguesa e a cultura portuguesa, a gente não vai saber como lutar para defender o território.

Acho muito importante essa fala que a nós não podemos mais viver num mundo isolado, sendo que, esse mundo exterior está acontecendo tanta coisa que se a gente não estiver dentro dessa esfera, a gente acaba ficando de lado. E não é isso que nós indígenas queremos, mas sim queremos estar a par de tudo, para exatamente lutar e defender com o conhecimento que está aqui e está aqui fora também, o conhecimento ancestral.



**Wellington Dias:** A sua fala professora, também me traz muito forte a importância do compromisso social que todo pesquisador, ativista que está dentro e fora da academia tem que ter. Que é fazer essa prática se tornar vida, e não só tentando fazer disso publicações ou fazer disso um produto que está distanciado da realidade, nesse sentido, nesse engajamento. No contexto atual de estar nas lutas e não estar só tentando, por exemplo, como muitas pessoas tentam fazer essa experiência de ficar distante dos conflitos, das urgências. A gente tá em um processo de desmonte de muitos setores básicos da nossa sociedade como a educação, cultura, saúde, e essas vozes de pessoas como você que estão vivendo isso de lutar há muito tempo, são muitos importantes de estarem sendo ouvidas e estarem nesse front. É impossível ficar somente na sala de aula, na academia achando que vamos modificar tudo. A gente tem que ir para as ruas. E isso que você traz é muito forte, essa convocação, essa prática, fazer uma história na prática, na luta, no corpo-a-corpo. Apesar de todas as dificuldades, é com base nisso também a nossa terceira pergunta aqui: O que seria um diálogo intercultural na universidade?

**Rosa Alva:** Você dialogar com a universidade, é eles reconhecerem nossa diversidade. Primeira coisa, vou falar em específico aqui do Amazonas: a universidade é muita fechada, os professores, os que estão na frente das reitorias dentro das unidades acadêmicas. A nossa universidade ainda é muito colonizadora, ela segue a tradição europeia, segue aquelas regras da qualidade da universidade, que qualidade é essa para os povos indígenas? Quando você apresenta um projeto dentro da universidade, ela não consegue aceitar. É um embate que nós estamos tendo. Eu digo assim, como militante indígena mesmo. Como indígena e como estudante indígena. Aos poucos, a gente vai conseguindo, não é fácil. O diálogo intercultural, nós estamos tendo na universidade, mostrando, tentando ajudar. Não conseguimos ainda, vou especificar: Na UFAM por exemplo, na UFAM tentam departamento, tem dois departamentos que trabalham lá, mas é só de formação de professores, nada mais, entendeu? Eles acham que os indígenas não têm capacidade. É o que eles acham. Só que a universidade não vê o outro lado, porque os indígenas querem ir para a universidade, entendeu? É, eles ainda veem muito ainda para as notas. Pra média, pro qualis das universidades, entendeu? Que tem aquele padrão.

Aquele padrão de notas. Então, não está sendo fácil. Aí vai para IFAM, ainda não apresentou. Não apresentou de fato uma política. Aí eu falo assim, como um todo, Manaus. Aí você tem esporádico em São Gabriel da Cachoeira. Você já vê lá em Tabatinga. Você já vê algumas coisas, mas no âmbito da educação mesmo, na formação de professores. Você vê só mais nesse âmbito. Aí você vai pra UEA, pra universidade. No âmbito da universidade que é do estado do Amazonas, que você espera muito mais, você encontra esse, você encontra essa barreira. Há muito tempo tentaram fazer esse diálogo, tanto é que dentro da universidade, quando implantaram uma coordenação dentro da universidade, mas é muito difícil quando você vê as pessoas não abrirem as portas pras pessoas realmente que conhecem. A briga interna das universidades, isso atrapalha muito também pras nossas articulações. Foi feito isso na UEA, há muitos anos atrás. Tanto é que hoje tem, na unidade da educação superior, nas unidades mais específicas trabalham com projetos, mas dentro da própria universidade não tem uma política, de fato que esse atual contexto nós estamos fazendo esse diálogo dentro da universidade que através da mobilização indígena. Nós apresentamos documentos pra que eles possam de fato, discutir a política de educação superior dentro da universidade. Eu faço parte dessa comissão e estou acompanhando. Nós estamos discutindo a política lá, internamente. Se vai acontecer, não sei, já tem dois anos. Por causa da própria regra da universidade. É esse embate que a gente tá tendo no momento, dentro da comissão, de que isso não pode, isso não pode. Eu fiquei sabe, eu fico assim, eu fico agoniada porque realmente nós já recebemos um não desde o início, há 40 anos atrás, é 50 anos atrás, aliás, há 500 e poucos anos quando os colonizadores vieram, no país, chegaram e mandaram na gente e pronto. Quantos indígenas foram mortos? E hoje ainda a gente sofre esse não, sabe. Sempre o sistema brasileiro só foi a resposta: não, porque quando eu digo, que a nossa conquista de 1980 quando reconheceram, quando foi lutado pelo reconhecimento do povo indígena como humano, poxa, quando eles negaram a nossa própria existência. E hoje a gente ainda encontra essa negação da nossa existência também na universidade. Quando você recebe as respostas de não, isso não pode, isso não pode. Nós estamos passando por essa situação na comissão de política da UEA, nesse momento que eu faço parte e não está sendo fácil.

Mas como eu digo pros meninos lá da comissão “sempre não foi fácil pra nós. A gente não pode esmorecer, não pode é ficar triste, nós temos é que se unir e se fortalecer”. Eu quero dizer assim, que esse diálogo com as universidades tá acontecendo. É muito importante mesmo, mas aos poucos a gente vai superando. Vai tentando conquistar. É um desafio muito grande que nós temos pela frente, mas já no início, então, é tentar continuidade, mas há esse diálogo. Não é fácil, mas a gente tem dialogado bastante com as universidades, sabendo que, um dos principais gargalos justamente é o reconhecimento da existência desses povos como o próprio Estélio falou, como os próprios estudantes indígenas falam.

Chegar na universidade não é fácil, eu sei que não é fácil, só eu sei o quanto não é fácil, como doutoranda, como mestranda mesmo. Você está na universidade, você tem que estudar, você tem que ler muito. Ler bastante é uma coisa que não é da nossa rotina, mas se você está lá, você precisa no mínimo acompanhar. Eu sempre digo “não somos coitadinhos, nós somos inteligentes, só falta oportunidade”. E é nesse sentido, que as universidades precisam também apresentar. Sempre eu dou exemplo da Universidade de Brasília, por quê? Porque eu conheço. Eu conheço bem aquele projeto lá na universidade da UNB. Lá, eles têm uma maloca, um malocão dentro da universidade, onde dão suporte para os alunos indígenas lá, de todas as áreas. Pra quê? Pro reforço das aulas, quais são as disciplinas que estão sentindo dificuldades. Tem uma coordenação lá, eles preparam o plano de trabalho para dar suporte aos alunos, aqueles alunos que estão sentindo dificuldades. Então, tem um planejamento, tem um plano de trabalho dentro da universidade, dentro dessa maloca, que quem conseguiu foram os próprios estudantes. Justamente nessa dificuldade. É o que a gente também gostaria muito aqui. Aqui no Amazonas, pra que dê suporte aos alunos como o próprio Estélio falou. Não é fácil isso, eu sei que não é fácil, entendeu? Porque a Língua Portuguesa de fato não é a nossa primeira língua. E tem um detalhe, a leitura não é da nossa rotina do dia a dia. O povo indígena é muito oralista, o povo indígena não é da escrita. Isso é da nossa cultura. Então, estar na universidade é essa dificuldade, nesse diálogo que a gente tenta fazer junto à universidade. Já começamos. Não está fácil, mas a gente não vai desistir. Então, esse diálogo intercultural

realmente é muito importante e os povos indígenas têm feito isso no momento.

**Estélio Munduruku:** Isso é bom mesmo, do ponto de vista da universidade, porque como a senhora falou, são nas unidades que ocorrem os diálogos interculturais, mas que não ocorrem na universidade em si. Na UEA em si, que é onde a gente estuda. Esse diálogo, ele percorre nas unidades, porque a gente sabe que tem indígenas em várias unidades que precisam mesmo dessa política mais específica, dentro da universidade, na questão da esfera maior que é a Reitoria, no caso. Então, é esse diálogo intercultural ele é fundamental, porque com isso a gente conhece, eles também vão nos conhecer. É como que é a história, como que é a dificuldade, como que é outros fatores que nos acarretam nesse processo acadêmico, e a partir daí, acredito que descoloniza tudo.

A interculturalidade é a descolonização de qualquer estereótipo, de quaisquer outros paradigmas que pensam com relação a nós, povos indígenas e acadêmicos. Como a senhora falou, o indígena ele veio pra universidade não é porque ele quer, mas porque ele quer lutar. Porque a universidade é isso. Adquirir conhecimento para lutar e para voltar para o seu povo, de origem, para estar engajado nas políticas de lutas.

**Rosa Alva:** Eu poderia ter uma sugestão de fazer duas perguntas aí que eu vou responder?

**Wellington Dias:** Sim. Podemos sim. Já pode então fazer a 4 e a 5, Estélio.

**Estélio:** Pegando esse engajamento, pra você, como foi o impacto da interculturalidade da aldeia para a cidade?

**Rosa Alva:** E a outra, Estélio? E a outra pergunta, qual é?

**Estélio:** E a outra é, a quinta? Qual é a importância da educação escolar indígena para o Amazonas e o Brasil?

**Rosa Alva:** Primeiramente, eu nasci na Sede Indígena do Alto Rio Negro, certo? Então, eu nasci lá no Distrito de Iauaretê que era fronteira com a Colômbia, do outro lado é a Colômbia, daqui é o Brasil, na Vila de Santa Maria. Olha, só pra vocês terem uma ideia como aqui em São Gabriel da Cachoeira a gente chama. A gente não chama aldeia, chama comunidade. E a gente chama vila. Isso quer dizer? Resquícios da colonização. Praticamente o Alto Rio Negro, ela [a comunidade] foi, ela foi,

logo assim os colonizadores chegaram, foi o exército, então aí é chamado de comunidade. Os caciques aqui são chamados de capitães da comunidade, olha só. É resquício da colonização ainda do exército, lá na década de 70, 60, 70. Eu nasci em Iauaretê e assim que eu nasci e vim pra cidade, entendeu. Eu vim pra cidade de São Gabriel da Cachoeira que praticamente aqui eu nasci. Para mim, como aqui em São Gabriel da Cachoeira, ela é uma cidade conhecida, indígena, do Brasil, mesmo pelos povos. Eu não sofri tanto aquele impacto de preconceito. Ah, é. Aqui a gente fala a língua indígena na cidade toda. Você chega aqui em São Gabriel da Cachoeira, nos Bancos, nas feiras, nas ruas, nas lotações. Então você vai ouvir a língua indígena diariamente. Então, eu não senti tanto esse impacto da aldeia para a cidade, porque a cidade é uma cidade indígena, onde praticamente 90% da população é indígena aqui em São Gabriel da Cachoeira. Existe ainda, é lógico, existe o preconceito, existe, mas aquele impacto da mudança eu não senti mesmo, porque aqui nós temos todos nossos colegas, nossos parentes são indígenas. Nesse sentido, eu não senti tanto. Agora eu posso dizer pra vocês, o impacto que eu senti saindo de São Gabriel da Cachoeira e indo pra Manaus. Aí sim, você praticamente sente o impacto, como? Por exemplo, é outro mundo, entendeu? Eu aqui na minha cidade onde eu tenho tudo, nós temos, eu tinha, que há tempos eu saí. Aqui a gente tem toda a nossa cultura viva, a gente come da nossa cultura no dia a dia, das nossas comidas, das nossas tradições, porque há todo tempo. Quando você vai pra outro, pra capital, não tem nada disso, você já começa primeiramente a morar sozinho, isolado de todo mundo. O principal impacto que eu senti foi isso, a convivência coletiva que eu tinha aqui no município e eu não tinha mais em Manaus. Gente, você mora sozinho na capital. É uma coisa que eu senti bastante, entendeu? Uma coisa que aqui no município ou então na aldeia, você está sempre em vários, junto com sua família, junto com seus vizinhos, todo mundo junto. Aqui em São Gabriel, também eu tinha muito isso. E eu indo pra capital que eu fui pra estudar, eu senti isso. Gente, você mora sozinha com sua filha e com seu marido, então eu fiquei assim. Não foi fácil, foi um ano e meio querendo voltar novamente pro interior. Então eu sentia esse impacto da solidão, entendeu? Você está sozinho. Porque comida não, comida eu levei, comida eu gosto de comer peixe, eu fazia minha comida dentro de casa, toda essa

parte que eu gosto, nunca deixei. Inclusive amiga que chegou em casa, lá de Alvarães, ela chegou recentemente em Manaus e eu ofereci, era beijuzinho, fazendo toda aquela comida indígena que eu gosto, mantenho muito, isso as minhas filhas também gostam muito e ela diz “tu mantém a tua tradição, ela falou assim”, cara é o meu dia a dia, essa parte da minha cultura, a comida, eu não deixei, mas o impacto que eu senti realmente foi essa solidão.

Quando você vem falar da educação escolar, qual importância da educação escolar indígena, gente é essencial. O que é o Amazonas, se não fosse pela educação escolar indígena? O que você falou, a educação é o pilar. Terra, saúde e educação são os pilares e aqui nós temos no Estado do Amazonas. Se não fosse pela educação escolar indígena, pelos povos indígenas, eu sempre falo, o que seria o estado do Amazonas? O estado do Amazonas é uma floresta em pé por causa de quem? Entendeu? Nós trabalhamos muito isso na educação. Eu acho assim, muito importante a educação escolar indígena primeiramente pra nós. Primeiro, tá dizendo que nós existimos, nós povos indígenas, e aqui no estado do Amazonas tem 75 povos indígenas, com 43 línguas faladas. Onde nenhum estado brasileiro tem, nós temos dentro da educação escolar, lutas do movimento indígena, um conselho estadual normativo, único do Brasil. Foi uma luta do movimento indígena também, e outra coisa também, a importância da educação escolar indígena é justamente para manter a língua indígena viva, manter a cultura indígena viva também. Porque de uma forma ou de outra, você vai estar constantemente trabalhando isso dentro da escola, entendeu? A gente mantém esse diálogo, nós temos que respeitar os profissionais que nós temos e estar trabalhando sempre. Tanto é que quando nós discutimos a matriz indígena da SEDUC, dentro da matriz indígena você vai ver o ciclo lá, nós sempre dizemos, nós colocamos um sobrenome para as disciplinas, para os professores quando forem lembrar, quando forem estudar, lembrar que eles estão trabalhando na educação escolar indígena. Como a gente coloca: Língua Portuguesa e Conhecimento Tradicional; quer dizer, tem que trabalhar a Língua Portuguesa, mas lembrando que estamos trabalhando na escola indígena, sem deixar de fora todo conhecimento, toda história dos povos indígenas também. É nesse sentido que é trabalhado no sistema dentro do currículo da SEDUC

pra não esquecerem dos povos indígenas. Eu vejo assim, muito importante nós trabalharmos a educação escolar indígena no estado, não só nas escolas indígenas, mas dentro do currículo também das escolas não-indígenas pra eles conhecerem, porque eles não conhecem. Ainda há muito esse desconhecimento assim, ainda nós temos que fazer as oportunidades, mas é muito importante você trabalhar de fato a educação escolar indígena aqui no estado do Amazonas porque no atual contexto, sempre partiu do Amazonas para o Brasil, e eu sempre tenho dito, ontem mesmo eu falava, nós tínhamos, nós tivemos uma reunião da luta, do movimento indígena, ontem nós falávamos, estamos na preparação do primeiro encontro daqui deste ano, da educação escolar indígena no Amazonas, entendeu? Justamente vem falar de como você deve trabalhar, de como é importante você trabalhar a educação escolar indígena nas escolas, fazer uma reflexão sobre isso, tá certo?

**Estélio Munduruku:** Entendido. Eu só queria saber só mais uma coisinha, se a senhora permite. Então, a senhora fala, já falava o português, no caso?

**Rosa Alva:** Sim. Meu pai é Tukano, minha mãe é Tariana. Meu pai, eu sou a segunda filha, meu irmão mais velho nasceu lá, eu e meu irmão mais velho. Quando meu irmão veio, nós viemos pra São Gabriel da Cachoeira, eu era recém-nascida, então eu praticamente só entendo tukano. Entendo muito bem tukano, as pessoas falam comigo, só falta eu falar. É só convivência mesmo com meu irmão mais velho, ele é falante da língua indígena tukano, entendeu? Eu praticamente aqui em São Gabriel, eu entendo bem tukano, não sou falante textual, vamos dizer, assim. Falo sim, palavras, mas entendo bem.

**Estélio Munduruku:** Legal, professora.

**Wellington Dias:** Professora, qual seria os maiores desafios de ser uma mulher e liderança indígena no contexto atual? Essa seria uma pergunta. E a outra é: como você enxerga a importância de se demarcar os costumes do seu povo e dos demais povos indígenas através dos cocares, das pinturas corporais e de outros elementos visuais?

**Rosa Alva:** Sim, a demarcação. Eu ouvi a segunda, a demarcação dos símbolos, você falou. Os maiores desafios da mulher indígena, eu vou dizer assim bem claro, na nossa cultura indígena ela é... o homem é o importante



da cultura indígena, eu digo sempre assim, a nossa cultura indígena ela é muito machista, né Estélio. O homem é o líder e a mulher praticamente ela é submissa ao homem, então praticamente ela foi, ela é pra ajudar o seu marido praticamente. Eu digo isso, porque que eu tô falando isso, todo mundo sabe como é a cultura indígena. E eu digo isso, por quê? Dessa minha caminhada dos meus 46 anos que eu tenho hoje, eu comecei a minha vida política lá atrás, com meus 20 anos, entendeu. Eu já fui vereadora do município, e é com isso que eu quero iniciar, porque que eu tô dizendo. Foi assim, foi o momento que eu vi o quanto o homem tem que estar na frente. Quando eu fui candidata a vereadora com meus 20 anos, então eu fui indicada pelo PT, eu fui candidata a vereadora e eu fui pra aldeia, para área indígena. E chegando lá eu me deparei no meio do caminho com meu tio, um meu tio praticamente um avô e onde ele me viu e disse “minha filha, o que que você está fazendo aqui, minha neta? Você não era pra estar aqui, você era pra tá cuidando do seu marido. Quem era pra estar aqui era o seu irmão, não era você e eu vou falar isso com o seu pai”, aquele momento pra mim, foi um momento assim: gente! Realmente, como é, eles queriam um homem, eles preferiam meu irmão naquele momento do que eu como mulher. E aí eu falava assim pra ele, meu tio, meu avô. Não que eu fosse escolhida não, quem era pra estar aqui era o teu irmão. Então foi um momento assim que marcou muito na minha vida, mas que não me amedrontou, sabe, não me deixou triste. Conversei bastante com meu pai, meu pai me explicou bastante, mas assim, me deu a maior força. Nessa luta de candidatura indígena e tudo, quem mais me apoiou foi meu pai, meu pai era uma pessoa que me dava o maior apoio em tudo. Então foi um momento que eu senti na pele, o desafio como mulher, entendeu? Uma mulher indígena, no contexto da disputa política partidária. Porque você vê em todas as reuniões, a maioria homens e poucas mulheres. Esse contexto aqui já mudou aqui no Alto Rio Negro, tanto é que outros lugares você vê a participação de mais homem do que mulher, justamente porque a mulher indígena ela foi criada pra dar suporte, pra dar o apoio ao seu marido, o teu marido, o homem é que vai pra luta, é o homem que tem representação, tem ainda essa cultura... que eu posso dizer, mas assim, enfim, esse foi o momento que eu passei, mas hoje eu já não sofro mais por isso, tanto é que eu dou a maior força, eu dou a maior força pra todas as mulheres e aos



poucos as mulheres vão se protagonizando, tanto é que hoje, na minha área, lá no Distrito de Iauaretê que é a coordenação quem está à frente hoje? A mulher. Isso na realidade, dentro do meu território, onde a mulher é a protagonista, entendeu. Que antigamente eles não viam, mas hoje já é, entre aqui a calha das organizações maiores aqui da FOIRN a minha área já é a segunda vez que a mulher faz parte da diretoria da FOIRN aqui, entendeu? Então isso já mostra a mudança. Então é muito importante isso também.

Quando a gente vem falar da demarcação e eu sempre digo assim, que nossos símbolos têm significados, não é todo dia que nós usamos cocar, não é todo dia que nós usamos nossa pintura. Nós usamos bastante nossas pinturas num momento de luta, então como eu falava, por exemplo, esse momento que nós estamos fazendo aqui, essa entrevista, é um momento de mostrar para mundo que nós existimos. Seria muito importante eu usar minha pintura, tanto é que nós temos uma pintura, nós temos dois significados, a pintura vermelha e a pintura preta. Tem significado, então, nesse momento eu deveria usar uma pintura vermelha, mostrando, dando visibilidade ao povo indígena. Porque de uma forma ou de outra, é uma indígena que está aqui conversando com vocês, do povo Tukano, e eu não vou passar só de um povo, não é a Alva Rosa só, tem um povo por trás de mim também que eu represento aqui, que eu vou estar representando o meu povo Tukano aqui também. Todos esses símbolos para nós aqui têm um significado muito forte, tanto é que vocês estão vendo aqui por trás de mim, como eu falei pro Professor Wellington, eu estou aqui no ginásio coberto de esportes aqui de São Gabriel da Cachoeira, onde mostra nossa cultura, os nossos grafismos indígenas. Nós aqui estamos demarcando, dizendo que nós somos indígenas e estamos aqui. É muito importante esses nossos símbolos aí, tá. Quando eu uso aqui, estou aqui com o brinco, um brinco artesanal, entendeu, em tucum, então quer dizer, é no momento certo, no momento de luta, tá? Isso é muito importante as pessoas terem conhecimento para... nós somos indígenas, mas nós temos o momento certo de usar os nossos símbolos, é isso.

**Estélio Munduruku:** Eu estava analisando quando a senhora falou da nossa cultura indígena. E realmente é verdade. Acho que é uma secular, que acontece desde muito tempo, principalmente na figura do cacique:

cacique, o homem é o guerreiro da aldeia. Eu não sei, na minha existência pra cá, mas a minha vó Ester, que tinha mais uma outra avó que o nome dela era Antônia Cardoso, a minha avó, ela é a mãe do meu pai, Manoel Cardoso Munduruku, então, elas eram dos tempos antigos assim, que elas dominavam. Qualquer coisa que elas viam que não tava correto, elas iam lá, falavam, ou seja, elas eram mais brabas, do que os homens da aldeia. Eu vejo relatos da minha avó que dizia que ela não deixava nada despercebido. Qualquer coisa ela fazia toda aquela falácia e todos os homens obedeciam. Na época, o meu avô ele era o cacique. O nome dele era Nunito Cardoso, mas a minha avó ela era mais, digamos, mandava mais nele porque ela era muito braba nesse sentido. E eu tava observando essa questão que a senhora falou.

**Alva Rosa:** Unhum...

**Wellington Dias:** Estélio, fique à vontade para fazer as duas outras perguntas, a oito e a nove.

**Estélio Munduruku:** Professora pegando o embalo desse diálogo, tá sendo muito importante, muito aproveitador. A sétima pergunta é, como você enxerga a importância de... Ah, não! Essa já foi feita. Perdão! Na verdade, é a oito, na época da sua graduação, você teve dificuldade com o idioma?

Acho que a senhora já respondeu, mas vamos lá. Dificuldade com o idioma Português em relação a sua identidade em língua indígena?

Aí a nove, que conselho ancestral você deixaria para as futuras gerações que estão passando por esse processo intercultural nas aldeias?

**Alva Rosa:** Primeiramente, eu não tive essa dificuldade. Como eu falei. Eu não fui assim, como eu falei, nós somos a maioria indígenas aqui.

Quanto à identidade, eu nunca sofri, e quando chamavam “ah você é...”, é porque muitos anos atrás, São Gabriel da Cachoeira só considerava, a população daqui só considerava os indígenas lá no distrito da minha região. Nós éramos indígenas, eles aqui, não, mas isso mudou com o tempo, então nós éramos considerados indígenas lá, porque nós éramos lá das calhas dos rios. Era o pessoal de onde eu faço parte, que é do triângulo tukano, do rio Içana, que era os chamados Içaneiros e o pessoal lá do Triângulo Tukano. Nós éramos conhecidos de indígenas. Nós éramos os

considerados indígenas aqui. Isso lá na década de oitenta, que eu me lembro bem ainda em noventa, mas eu nunca tive vergonha da minha identidade, sabe? Eu nunca tive receio. É o que eu falo muito pra minhas filhas. Eu tenho trabalhado bastante muito com as minhas filhas nisso. E eu vi um relato do pai da minha filha porque a minha filha maior, ela tem vinte e dois anos, ela estuda lá em João Pessoa, ela fez o ENEM, ela foi embora, e lá ela estuda. E o pai dela me relatou dizendo, que num shopping ela chegou, e a mulher perguntou, abordou e falou “Você é indígena?”, ela pegou e disse “Sou. Sou indígena lá do Amazonas, sou do povo tukano. Por quê?”, aí ela falou “Ah, não e tal”, porque ela tinha cabelos preto e grande. Você sabe, quando você é do Amazonas, você logo é reconhecida pelos seus cabelos negros e morena. Quando o pai dela me falou isso, cara eu fiquei orgulhosa da resposta dela. Quer dizer, está fluindo o que eu ensinei, entendeu?

Assim, você tem que se orgulhar da sua identidade. Você não pode ficar com vergonha. É uma das coisas que eu trabalho muito. Eu não tenho vergonha da minha identidade, em todo canto que eu vou eu digo ‘Eu sou indígena’ e tudo mais. Essa é a minha marca, não ter vergonha da minha identidade, então nisso eu nunca tive vergonha.

E qual o conselho que eu dou aos jovens hoje, qual é o meu conselho atual? Gente, nós estamos na academia sim, certo? Estamos aprendendo, mas nós temos que ouvir as nossas lideranças indígenas, nós temos que ouvir os nossos pais indígenas, eles têm o conhecimento que nós não temos. E nós estamos adquirindo o conhecimento da academia? Sim, mas isso para somar com o conhecimento da nossa cultura indígena. E mais do que nunca, nós temos que ouvir as nossas lideranças indígenas, os mais velhos. É esse o conselho que eu dou aos jovens indígenas. Não é porque você está na academia que você conhece, não. Nós estamos conhecendo o outro mundo, e nunca devemos deixar de não ouvir as nossas principais, os nossos principais orientadores, que são os nossos quem? Os nossos pais, os nossos avós, as nossas referências, lideranças aqui nos nossos municípios. Você está na academia, você volta, você volta com outro conhecimento não-indígena, mas pra ir somar, mas tem que ouvir a principal liderança lá da sua comunidade ou então a principal liderança que está do teu lado, que é seu pai, que é seus avós, que é a referência lá na comunidade. Porque eu

sempre digo, o que é o bem viver hoje? O bem viver é você lutar pelas políticas, que chegue a sua comunidade, que chegue a seu município, mas sem deixar também de respeitar as lideranças mais velhas, porque eles nos ensinaram, eles nos mostraram que naquela época que não tinha nada, que eles não tinham conhecimento nenhum, conseguiram. Conseguiram colocar lá na Constituição Federal, e hoje, nós? O que estamos deixando? Nós estamos na academia, mas fruto da luta é deles. Por isso, nós devemos respeitar sempre e ouvir os mais velhos. É esse o conselho, é essa a mensagem que eu deixo aos jovens que estão hoje na academia porque nós não sabemos tudo. O nosso conhecimento é pra somar. Não é um é um conhecimento que você tem a mais, você tem que sempre respeitar a liderança lá na ponta. É isso!

**Estélio Munduruku:** Muito importante, professora. Porque o conhecimento a gente não sabe tudo. A gente apenas tá conhecendo, mas o conhecimento, ele é infinito. É por isso que, quando a senhora fala dessa forma, nós respeitamos mais as lideranças, respeitamos a nossa aldeia, respeitamos o lugar de onde nós viemos. Porque nós, por exemplo, eu ainda sou jovem, eu não sei o conhecimento lá de trás. Eu não sei como é que foi a luta do povo indígena. Eu não sei como é que foi a luta do cacique. Eu vejo que, os nossos caciques também, os nossos anciões são mais sábios do que nós, porque a gente ainda tá conhecendo, a gente ainda tá sabendo, eu principalmente. Quando a senhora fala isso, dá uma importância de como que a gente deve caminhar junto a essas pessoas que têm o conhecimento secular que foi passado de geração a geração. Sempre meu pai cobra essa questão “meu filho, você tá lá na cidade, mas não, você tem que aprender o nosso conhecimento, porque nós sabemos como é que foi. Não é porque você tá lá que você tem que se sentir superior ao conhecimento, muito pelo contrário, você tá sabendo uma parte, a outra parte ainda falta você conhecer ainda mais como é que foi essa fundação da luta dos povos indígenas”, eu guardo muito isso. Toda vez que eu vou pra aldeia eu converso muito com meu pai em busca desses conhecimentos que a senhora enfatizou aqui.

E eu acho muito importante como nós como acadêmicos que estamos na universidade, precisamos mesmo conhecer, precisamos

explorar esse mundo do conhecimento indígena porque ainda acredito que é um conhecimento infinito. A gente nunca sabe tudo.

**Wellington Dias:** Muito bonita essa sua mensagem, viu, Alva Rosa. Que é um chamado. É uma fala com a experiência de quem sente, percebe e acredita no conhecimento ancestral como mola, promotora de muita, muita transformação dentro da juventude.

Alva, pra também a gente, chegando aqui no nosso final. A nossa última pergunta, na realidade é uma não-pergunta, que é justamente saber de você, que pergunta você gostaria de fazer ou de responder, mas que nós aqui não fizemos pra você nessa entrevista?

**Alva Rosa:** Eu vou dizer, é assim, o que você espera hoje como indígena, no atual contexto com a universidade? É uma pergunta que eu, assim, eu até pensei quando eu li. Não deu pra eu fluir, mas agora conversando.

Eu posso dizer assim, que eu espero como indígena, desse contexto atual com a universidade porque sendo que eu sou também aluna da universidade, entendeu? É nesse sentido que eu queria responder, sabe? Hoje, eu gostaria muito de dizer o que eu espero da universidade para nós indígenas. É que hoje, ninguém pode falar sobre nós, entendeu? Hoje eu posso dizer, ninguém pode falar sobre nós indígenas sem a nossa participação indígena, então, hoje a universidade precisa estar pensando as políticas indígenas, mas com a nossa participação. Que aí, vem a convenção 69, que já diz isso, você só pode pensar nas políticas públicas para os povos indígenas com a consulta. Eu reitero um pouco mais que hoje ninguém pode falar sobre os povos, sem os povos indígenas, sem a sua participação porque hoje também nós somos pesquisadores. E aqui, é um exemplo concreto que eu quero dizer, eu estou na academia, eu também sou uma pesquisadora, entendeu? Assim como temos vários indígenas pesquisando, que estão no mestrado e nós estamos no doutorado. É isso que eu gostaria de dizer. Essa pergunta ‘o que que eu espero da universidade?’, que ela também reconheça, ela respeite, ela nos chame para esse diálogo, mesmo de fato, como vocês tão fazendo. Olha o Estélio, quando eu vejo aqui o Estélio junto com você. É você fazendo uma entrevista para uma indígena, mas com a participação de um indígena. E é isso que nós queremos também, sempre estar juntos, sempre segurando

na mão um do outro, porque é só assim que nós conseguiremos. Nós não conseguiremos, aliás, hoje esse contexto atual, nós não conseguimos mais lutar sozinhos. Nós conseguimos em parceria, na coletividade. É nesse sentido que eu digo, a universidade, ela só vai realmente conseguir fazer política para os povos indígenas com a participação dos povos indígenas também. Eu sei que tem vários povos, mas nós temos acadêmicos indígenas aí. Chame eles para poder conversar, ouça eles também. É nesse sentido que eu gostaria de dizer o que eu espero, é que a universidade dialogue conosco, crie as políticas, mas conversando conosco, sempre, tá bom? É isso porque nós já passamos, nós estamos no século XXI, praticamente entrando para XXII. Já foi a era que o povo indígena ficava calado. Nós estamos aqui, nós já estamos mostrando, de fato concreto. Quando a gente vê vários indígenas na academia, vários indígenas se formando em direito, em medicina, aí na arte, na música. Nós estamos praticamente também na universidade. E não foi fácil, isso foi com muito sacrifício. E é por isso que eu deixo aqui a minha mensagem, de dizer o que eu espero da universidade é isso. Tá bom, professor.

**Wellington Dias:** Muito obrigado, Alva. A gente agradece. Ouvir você é sempre muito inspirador. Desde a *live* que você fez com a professora Célia, lá no canal do Oré, que a gente tem aprendido muito com você. E perceber também, o seu percurso, a sua luta, e que a gente possa tá estreitando muito mais diálogos e parcerias, e lutando juntos por essa construção da política dentro da universidade. E que a gente possa, tá sempre, dialogando. E aí, deixo também aqui a palavra final com o Estélio, que foi o grande organizador dessa entrevista, de todas essas perguntas também. É com você, Estélio!

**Estélio Munduruku:** Eu também só queria agradecer a presença da professora Alva Rosa, professor Wellington também, que nos ajudou bastante assim, foi um momento de aprendizado, que a gente conseguiu sentir. Eu principalmente, consigo sentir quando uma fala indígena, ela é tocada através dos conhecimentos ancestrais. A gente consegue sentir esse chamado que o professor Wellington mencionou. É um chamado que vem lá de dentro do coração, que perpassa todo nosso imaginário, da nossa percepção. Porque a cultura indígena, ela é tanto material quanto imaterial. Ela está presente no abstrato e no concreto. E aí, a gente tem esse

conhecimento de chamados, tem essa relação com a natureza muito forte, que a gente consegue sentir. O que realmente precisa fazer pra sobreviver, pra gente lutar. Até mesmo na sabedoria, eu vi essa sabedoria aqui com a professora Alva Rosa, e me enriqueceu, digamos assim, de conhecimento. E eu costumo dizer que eu gosto muito de participar, de ouvir o conselho das pessoas mais velhas, de ouvir esses relatos. Como acabamos de ouvir aqui da professora. Também eu converso muito com meu pai, nesse sentido, acho que a professora deve conhecer. É uma liderança até indígena...

**Alva Rosa:** Conheço.

**Estélio Munduruku:** E ele sempre fala essas mesmas palavras que a senhora tá falando agora. Eu me senti assim viajando, mas no contexto ancestral, e me ligando com os conhecimentos indígenas.

E isso pra mim, é um momento muito importante, muito gratificante mesmo de estar aqui participando dessa entrevista com a professora Alva Rosa, que é do povo Ticuna, e também professor Wellington. Duas pessoas que...

**Alva Rosa:** Tukano...

**Estélio Munduruku:** Tukano, né. Isso. Com essas pessoas que estão aqui, diante de mim. Eu estou aprendendo muito com vocês, e muito obrigado mesmo, professora, por disponibilizar o seu tempo. Que a gente sabe que a senhora tá nesse contexto de doutorando, e a gente sabe que a vida de doutorando não é fácil também. Que está sempre na pesquisa, está sempre na luta, está sempre lutando. E ter a senhora hoje aqui é um privilégio mesmo muito grande.

**Alva Rosa:** Eu é que agradeço, tá bom gente. Parabéns aí, ao Estélio. Vocês estão fazendo a diferença na universidade. Isso é muito importante para nós indígenas também. Parabéns, mesmo a equipe aí que estão fazendo, vocês estão fazendo diferença. Isso que eu falei, aos poucos a gente vai descolonizando a universidade, a gente vai descolonizando a universidade realmente, tá bom? Um abraço, mesmo. Obrigada por tudo. Qualquer coisa, estou à disposição, tá! Em agosto.

**Wellington Dias:** Certo, muito obrigado! E a gente fica à disposição também. Bom dia pra você, e sigamos na luta. Um abraço

**Alva Rosa:** Tá certo.

**Estélio Munduruku:** Bom dia.

**Alva Rosa:** Tchau, gente. Um ao outro.

**Estélio Munduruku:** Tchau.

**Link para assistir à entrevista:**

**[https://drive.google.com/file/d/1rbAW-JaHIGjgJxHGN2n9s4\\_PTvZOuB3A/view](https://drive.google.com/file/d/1rbAW-JaHIGjgJxHGN2n9s4_PTvZOuB3A/view)**



**ABELARDO FIRMINO**

Acadêmico do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas  
na Escola Normal Superior  
da Universidade do Estado do Amazonas - UEA  
E-mail: aff.bio17@uea.edu.br

A minha mãe, meu pai e minha irmã vieram me visitar aqui em Manaus, chegaram aqui no final do mês de janeiro, e ficaram comigo até o final de fevereiro. No início de março meu pai e minha irmã voltaram para interior, só a minha mãe ficou esperando o nascimento do meu filho, ela queria voltar só no final de abril depois de que meu filho já nasceu (meu filho nasceu no dia 15 de abril), só que a minha mãe não conseguiu voltar no final de abril porque a quarentena começou no dia 17 de março depois deste dia ninguém mais sair da casa e assim ela não tem como mais voltar para interior, porque nenhum barco leva passageiro, e assim ela ficou presa aqui e ela está aqui até agora, não consegue voltar. Meu pai no interior estava muito preocupado com nós, ele sempre nos perguntou no celular se não aconteceu nada com nós. E nós aqui respondemos que estamos bem.

Em relação à nossa saúde, nós todos estamos bem, todos com saúde, sempre ficamos em casa, medo de sair, medo de se contaminar e ou até mesmo medo de perder alguém da nossa querida. Eu só saía de casa quando precisava comprar comida

**ARLENE GONZAGA JOÃO**

Acadêmica do curso de Licenciatura em Geografia  
na Escola Normal Superior  
da Universidade do Estado do Amazonas - UEA  
E-mail: agj.geo18@uea.edu.br

Minha experiência durante o isolamento, é só ficar em casa, medo de sair, medo de contaminar, porque sei que estou longe da minha família. Uma coisa me dá medo é que meu filho nasceu no meio do isolamento no dia 15 de abril. Tive grande medo de meu filho se contaminar, até medo de perder meu filho no caso de se contaminar com a doença porque está no grupo de risco. Por isso, durante o isolamento sempre ficamos em casa, cuidando das nossas vidas. Mais uma coisa interessante é que até agora estamos bem, todos com saúdes e com vidas.

**CÉLIA APARECIDA BETTIOL**

Professora na Escola Normal Superior da  
Universidade do Estado do Amazonas - UEA  
E-mail: celiabbettiol@gmail.com

Eu estava em Atalaia do Norte ministrando com mais dois colegas a disciplina de Estágio Supervisionado, quando ouvimos os noticiários de que a pandemia chegara ao Brasil e, naquele momento, Rio de Janeiro e São Paulo já acumulavam números alarmantes de contaminados e as primeiras mortes.

Antes de finalizarmos a disciplina, os indígenas acadêmicos do curso de Pedagogia Intercultural Indígena nos indagaram sobre essas notícias e demonstraram temor pela doença, lembrando os momentos vividos por eles durante o Curso de magistério quando passaram por um surto de hepatite e perderam alguns companheiros.

Essas preocupações me tomaram o sossego e quando chegamos em Manaus no dia 15 de março já estávamos com o vírus se espalhando por aqui. A partir daí me lembro do caos e da correria que se instalou. Entre reuniões, discussões e estatísticas assustadoras o calendário acadêmico foi suspenso e entramos no isolamento social.

Um problema familiar de saúde chegou com a força das ventanias bravas varrendo meu coração, fazendo um barulho que me perturbou, me alarmou, me arrancou lágrimas e me atravessou de medo. Então, eu me lembro dos momentos de angústia, insegurança, fragilidade e das noites de insônia.

Em família, buscamos na espiritualidade nosso conforto e nosso apoio. Nesse tempo perdemos amigos, conhecidos e líderes indígenas para o vírus que nos amedronta com o número crescente de mortes e de famílias enlutadas. O sentimento de impotência foi grande e ao mesmo tempo de muita indignação com os governantes pela sua conduta diante da tragédia que assola o mundo e nosso país.

Para mim o isolamento trouxe, para além dessas dores, um convívio mais próximo com a família, a busca do sagrado e o fortalecimento dos laços de solidariedade entre nós.

Entre tantas coisas, é necessário também dizer que o isolamento me colocou num modo de espera. Sim, de espera. Porque eu espero o dia de poder sair, abraçar os amigos, conhecer o Hector, celebrar a vida de todos nós, dançar o Marakanandé na pracinha da ENS, cantar e nos alegrarmos num grande ritual da vida nova.

**DARCINEIA GONÇALVES SALDANHA**

Acadêmica do curso de Enfermagem  
na Escola Superior de Ciências da Saúde  
da Universidade do Estado do Amazonas - UEA

E-mail: [dgs.enf17@uea.edu.br](mailto:dgs.enf17@uea.edu.br)

Estávamos seguindo com as nossas vidas naturalmente, até o momento em que começaram a surgir os primeiros casos de um vírus, que a princípio parecia apenas mais um, confiantes de que logo seria contido, continuamos com as nossas vidas, nossas preocupações, no entanto, este ser microscópico, rapidamente mostrou a sua fatalidade, ceifando vidas de diversos povos do mundo inteiro, sem distinção de classes sociais, raça ou cor, atravessando continentes, países, cidades, deixando rastros de morte, fome e desespero. Acompanhar diariamente o número crescente de pessoas vítimas de covid-19, foi uma cena tão surreal e assustadora, que antes só se vê em cenas de filmes de ficção científica. Aos poucos escolas, universidades, estabelecimentos, tudo foi paralisado. Pessoas desesperadas, em busca de vagas nos leitos de hospitais, outras dando seus últimos suspiros em corredores superlotados de hospitais, profissionais de saúde exaustos e esgotados fisicamente e psicologicamente. Ver pessoas reduzidas a números, sem nenhuma chance de permitir um funeral digno, arrancando dos familiares o direito de viver o luto, foi o momento mais difícil desta pandemia, talvez, nem o tempo seja capaz curar a dor das perdas.

Confinada, longe dos meus, o desespero bateu à porta, trazendo consigo, insônia, preocupação e angústia. A cada telefonema recebido, meu coração se contorcia de medo, medo de me deparar com as notícias de perdas. A vida já é difícil, quando deixamos o aconchego da família para irmos atrás dos nossos sonhos, em busca de um futuro melhor, no caminho existem milhares de desafios, o tempo não espera por ninguém, abrir mão da convivência com a família, dos momentos de partilha, são os preços pagos, que o tempo não restitui. Antes da pandemia surgir, eu já estava fragilizada psicologicamente, pois havia perdido meu avô e pouco tempo

depois a minha tia, não pude me despedir. Quando a pandemia se instalou e conseqüentemente os portos foram fechados, entrei num profundo desespero, pois temia pelos meus, de longe, acompanhei a perda de amigos, vizinhos, professores, pessoas que eram próximas a mim, me senti impotente. Estudar os fatos históricos sobre os surtos pandêmicos é completamente diferente do que viver uma pandemia. Semanas, meses e anos já se passaram, mas o medo e a angústia, continuam presentes.

Diante de tudo isso, a pandemia nos ensinou, da forma mais cruel e dolorosa possível, a valorizar a vida, a família e as coisas simples da vida, como uma conversa com amigos, momentos com os filhos, sobrinhos, dentre outras coisas que passam despercebidas no dia a dia, ofuscados pelas nossas preocupações, que julgamos serem importantes, trabalhos, estudos, dentre outros. A vida é uma só, vive-la da melhor forma possível é um privilégio que poucos conseguem. Do mais rico ao mais pobre, a morte chega igual para ambos.

**DEISE SOCORRO DA SILVA GALVÃO**

Licenciada em Pedagogia pela Escola  
Normal Superior na Universidade do Estado  
do Amazonas – UEA  
E-mail: dsdsg.ped@uea.edu.br

Existem vários tipos diferentes de memórias, tratando-se do que aconteceu em março de 2019 em que o mundo começou a vivenciar a maior pandemia dos últimos tempos, é muito importante registrar esses acontecimentos que impactou as nossas rotinas de vida pessoal, familiar, profissional, entre outras formas de convivência.

A minha experiência de vida durante a pandemia traz o relato da forma em que enfrentei a doença, e das atividades que passei a ajudar as outras pessoas infectadas. Eu por minha vez aumentei muito a minha ansiedade por motivo de contrair a doença e perder completamente o olfato e o paladar, e outros sintomas como a dor de cabeça e dor no corpo, foi então que tive a ideia de cultivar o uso das plantas medicinais pelo fato de eu ser indígena da etnia Baré utilizamos as nossas crenças para curas através de ervas e benzimentos que fazem parte das nossas culturas e tradições.

Em meio a essa vivência surgiram o medo e a ansiedade a ponto de provocar o stress e até mesmo a nos deixar em pânico por não sabermos como lidar com tudo o que estava acontecendo, com os noticiários tivemos que nos isolar da família, dos amigos, dos animais, causando uma grande tristeza em meio a sociedade.

Durante eu ter contraído a doença eu comecei a fazer os chás com a mistura de outras ervas específicas para o tratamento da Covid-19, tive ótimo resultado de melhora, os sintomas amenizaram. Desde então comecei a compartilhar o chá juntamente com as ervas conhecidas como: o jambú, o boldo, acrescentado com o limão e o alho este chá ajudou bastante a amenizar a cura da Covid-19, entre as pessoas nessas horas de pandemia a fé tomou conta interiormente com o intuito de vencer a doença.

Eu particularmente nunca irei esquecer esses tormentos que vivi durante esses planos afetivos mudando a relação entre famílias afetando a continuidade das escolas, trabalhos e grupos sociais alterando toda a rotina da vida em sociedade em geral.

Outro ponto importante em relação a Covid-19 foi a aproximação total das pessoas em termos da empatia pelo outro, tornando o mundo mais humano na forma de ajudar o próximo, e o retorno às suas religiões, mesmo que essas lembranças sejam dolorosas vão ficar marcadas em minha memória porque foi muito importante para o meu conhecimento e crescimento pessoal, vou ter a oportunidade de compartilhar com os meus netos sobre esses acontecimentos.

Diante a essas reflexões em tempo de pandemia e incertezas de como serão as nossas vidas daqui pra frente, apesar do avanço das vacinas, a minha maneira de enxergar o mundo vai ser outra, com um pouco de dúvidas, mas acreditando na Ciência com a esperança de dias melhores, porque a doença ainda continua apesar da baixa proporção procuro ver a vida com mais positivismo levantando a minha autoestima dando mais valor à família, aos amigos, proporcionando assim, mais qualidade de vida.



**ELIAS BALTAZAR DA COSTA**

Licenciado em Pedagogia  
pela Escola Normal Superior da  
Universidade do Estado do Amazonas - UEA  
E-mail: ebdc.ped@uea.edu.br

O que dizer do período de isolamento social por causa da pandemia do Covid-19? Como se expressar? Quais nossos sentimentos? E o que dizer diante de tantas perdas?

Pode-se nomear como um período bastante marcante de muito sofrimento, desespero, muita dor, humanismo, compaixão, de descobertas no combate ao vírus e de buscar cada vez mais a nossa fé. O período de isolamento social, nada mais é, como um novo aprendiz no mundo que vivemos, mostrou o distanciamento de sentimentos, de laços familiares e amigáveis, do tocar, do abraçar, do beijar e do caminhar à distância, ou seja, uma falta de emoção e a afeição, sendo acontecida apenas virtualmente, algo do qual foi e é difícil de aceitar, a cada prolongamento da pandemia, era como se estivéssemos excluídos do mundo e da humanidade, praticamente um ser sozinho, sem ninguém, e sem contar com alguém. Os momentos de alegrias, compartilhamentos, diversões, festejos, datas comemorativas e todos os outros momentos, dos quais éramos rodeados de pessoas e de muitas coisas para usufruir e aproveitar, acabaram se tornando implícitos, como se não fizessem ou não fariam mais parte de nossas vidas. Existem vários tipos diferentes de memórias, tratando-se do que aconteceu em março de 2019 em que o mundo começou a vivenciar a maior pandemia dos últimos tempos, é muito importante registrar esses acontecimentos que impactou as nossas rotinas de vida pessoal, familiar, profissional, entre outras formas de convivência.

A minha experiência de vida durante a pandemia traz o relato da forma em que enfrentei a doença, e das atividades que passei a ajudar as outras pessoas infectadas. Eu por minha vez aumentei muito a minha ansiedade por motivo de contrair a doença e perder completamente o olfato e o paladar, e outros sintomas como a dor de cabeça e dor no corpo, foi então

que tive a ideia de cultivar o uso das plantas medicinais pelo fato de eu ser indígena da etnia Baré utilizamos as nossas crenças para curas através de ervas e benzimentos que fazem parte das nossas culturas e tradições.

Em meio a essa vivência surgiram o medo e a ansiedade a ponto de provocar o stress e até mesmo a nos deixar em pânico por não sabermos como lidar com tudo o que estava acontecendo, com os noticiários tivemos que nos isolar da família, dos amigos, dos animais, causando uma grande tristeza em meio a sociedade.

Durante eu ter contraído a doença eu comecei a fazer os chás com a mistura de outras ervas específicas para o tratamento da Covid-19, tive ótimo resultado de melhora, os sintomas amenizaram. Desde então comecei a compartilhar o chá juntamente com as ervas conhecidas como: o jambú, o boldo,

acrescentado com o limão e o alho este chá ajudou bastante a amenizar a cura da Covid-19, entre as pessoas nessas horas de pandemia a fé tomou conta interiormente com o intuito de vencer a doença.

Eu particularmente nunca irei esquecer esses tormentos que vivi durante esses planos afetivos mudando a relação entre famílias afetando a continuidade das escolas, trabalhos e grupos sociais alterando toda a rotina da vida em sociedade em geral.

Outro ponto importante em relação a Covid-19 foi a aproximação total das pessoas em termos da empatia pelo outro, tornando o mundo mais humano na forma de ajudar o próximo, e o retorno às suas religiões, mesmo que essas lembranças sejam dolorosas vão ficar marcadas em minha memória porque foi muito importante para o meu conhecimento e crescimento pessoal, vou ter a oportunidade de compartilhar com os meus netos sobre esses acontecimentos.

Diante a essas reflexões em tempo de pandemia e incertezas de como serão as nossas vidas daqui pra frente, apesar do avanço das vacinas, a minha maneira de enxergar o mundo vai ser outra, com um pouco de dúvidas, mas acreditando na Ciência com a esperança de dias melhores, porque a doença ainda continua apesar da baixa proporção procuro ver a vida com mais positivismo levantando a minha autoestima dando mais valor à família, aos amigos, proporcionando assim, mais qualidade de vida.

Lembro-me bem do medo de perder algum ente querido ou familiar. No começo da pandemia, minha família foi afetada, não sabíamos para onde correr ou pedir socorro, só éramos nós ali, todos doentes e impotentes, mas mesmo assim permanecíamos unidos e buscando cura. Devo dizer que foi difícil, mas nossa fé aumentou mais ainda, e os saberes de nossos anciões foram de grande importância na nossa recuperação. Destaco também, o quanto era entristecedor e desesperador assistir ou ouvir nas mídias tantas mortes de crianças, adolescentes, adultos, jovens e idosos (as). No entanto, o vírus não escolheu idade, imunidade, deficiência, ou qualquer outro tipo de estado de pessoas, apenas saiu devastando nossas casas, levando entes, e nos deixando com vazios de muita saudade e dor pelos que partiram e que não fazem mais parte deste mundo.

Enfim, o período de isolamento social foi difícil, mas nos deixou uma grande lição de como é importante aproveitar e usufruir cada momento da vida, de amar imensamente as pessoas que estão ao seu redor, e ter um olhar mais bondoso e humanitário, ou seja, “saber servir e ser servido”, “saber amar e ser amado”, então viva o presente, pois o amanhã pode ser tarde demais.

## ESTÉLIO MUNDURUKU

Mestrando em Geografia  
pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da  
Universidade Federal de Rondônia - UNIR  
E-mail: elcr.geo17@uea.edu.br

Durante o início do isolamento social ao qual vivemos quase 4 meses sem sair de casa, sem ir à esquina e principalmente sem poder abraçar e visitar os familiares e amigos, foi quase um distanciamento sem fim. Meus alicerces nesse momento foram Tupanhã, meus tios e primos, atualmente moro na casa dos meus tios e sempre buscamos conversar e não ficar pensando em coisas ruins porque atualmente em todos os noticiários não se assistia mais outros programas a não ser a notícia do coronavírus. Isso me deixava muito preocupado e com muito medo de contrair o vírus, também pensava dia e noite nos meus pais, avó e irmãos, no fundo, eu sabia que logo o vírus chegaria na minha aldeia e só pedia à Tupanhã que poupasse a vida de todos os Mundurukus e principalmente da minha família.

No dia 1 de abril de 2020 infelizmente, nós todos da casa dos meus tios contraímos o vírus, não tínhamos certeza se era o vírus ou não, mas os sintomas que todos da casa sentiram já dava de suspeitar. Passamos quase duas semanas bastante mal em casa, um dos dias mais assustador pois todos estavam doentes e não tinha como socorrer um ao outro a não ser indo no hospital. Buscamos ajuda médica, parecia que os remédios não faziam efeito, melhoramos somente na hora da medicação, mas quando o efeito passava tudo voltava novamente, para ter melhora foi preciso ir 3 vezes no SPA. Com tudo que passamos, conseguimos vencer a doença e mais tarde depois fizemos os testes e deu positivo. Naquele momento não pensava em mais nada, só queria ir para casa depois do sufoco, então não podia, estava tudo vedado às embarcações e com isso a tristeza vinha por não estar perto dos meus pais.

Quando soube da notícia do primeiro caso na aldeia Kwatá, fiquei muito preocupado e quase toda hora estava me comunicando com os parentes, permaneci mais triste ainda com a perda de alguns moradores antigos ao qual, eram uma verdadeira biblioteca que íamos ficar sem saber de nossas raízes. Todos os Mundurukus contrariam a covid-19 e mesmo

com perda de alguns, me alegro em saber que estão tendo melhoras e outros já melhoraram.

A covid-19 é uma doença que trouxe lástimas para nós enquanto seres humanos, pelo menos na minha existência foi a primeira vez que vi quase uma extinção da sociedade mundial. Mesmo com tanta diferença social, percebi que todos nós vivemos num só lugar, respiramos o mesmo ar e que nem mesmo o mais alto escalão da nobreza escapou da doença, nesse momento entendemos que toda sociedade se encontrou unida na luta contra o coronavírus. Um ponto positivo, nos faz refletir, o vírus mostrou, que nunca vivemos só e isso foi perceptível porque precisamos uns dos outros. Outro ponto também foi solidariedade, muitas pessoas se mobilizaram para ajudar outras, é importante enfatizar que o vírus não trouxe apenas dor, mas também evidenciou uma sociedade solidária empenhada na empatia com outras pessoas. Com isso eu termino dizendo, ainda acredito na melhora do mundo e em uma sociedade sem preconceito, sem desigualdade e sem violência porque vidas humanas importam.

## MARIA ALICE KARAPÃNA

Acadêmica do curso de Teatro  
na Escola Superior de Artes e Turismo  
da Universidade do Estado do Amazonas - UEA  
E-mail: madsp.tea20@uea.edu.br

Quinze de março de dois mil e vinte, quando houve o decreto para todos ficarem em casa devido à infecção do covid19, para quem havia começado uma faculdade por várias vezes ter adiado ou tentando passar no vestibular, e estava em sala de aula bilíngue indígena como professora, foi difícil se manter longe de todos para quem está acostumada a estar presente na vida dos parentes, colegas e familiares. Foi um sentimento de impotência diante da causa que estava iniciando para a vida de todos. Todos começaram a adoecer: febre alta, dores por todo corpo, tosses, infecção intestinal e pulmão.

Pessoas morrendo nos hospitais, a mídia expondo como terrorismo, equipe dos médicos que saíram de área. Usamos o que tínhamos para combater a doença: remédios caseiro e da farmácia. Os nossos anciãos mais velhos estavam graves, sem condições de andar ou se alimentar. Já não podíamos estar juntos, pois tínhamos que ficar em casa: decreto e mais decretos, mas não impediam a morte nos hospitais. Até o momento em que houve a determinação de remover o meu pai e irmão para o hospital Delphina Azis, tive que sair e ir até o hospital para ter a notícia dele. É revoltante o tratamento que é dado às pessoas nos hospitais públicos que é mantido com nosso imposto. A partir desse momento, passei a ir ver ou visitar os irmãos e parentes, sabendo que todos já estavam doentes, e buscar ajuda de médicos, alimentos e auxílio social.

Com o falecimento do meu irmão, fui buscar ajuda jurídica junto aos órgãos federais após ter lido o documento que o meu assinou para ser cobaia no hospital.

O chorar ou o luto, não havia tempo para isso, se neste momento, as pessoas não tinham o direito de escolher se podiam viver ou morrer ou ter um enterro digno. Eram tratados como animais. Parece que o prazer era fazer sofrer mais, mas por parte dos três poderes que estava em sua vida.

Achando que estavam imunes, só na segunda onda que sentiram o peso do sangue das pessoas inocentes. O meu pai tinha feito todo o tratamento de covid19, mas mesmo assim foi internado na ala do covid19, tive mais uma vez que entrar novamente na ala do covid19 para tirar o meu pai. Foi dado 48 horas para ele viver, mas, graças a Deus, viveu 41 dias. Reuniu filhos, netos, bisnetos, autoridade, médico, pajés, religioso entre outros. Ainda estou aqui na luta, pois ainda não terminou.

## VANDA ORTEGA WITOTO

Acadêmica em Licenciatura em Pedagogia  
na Escola Normal Superior  
da Universidade do Estado do Amazonas - UEA  
E-mail: vanda.ortegaam@gmail.com

Iniciamos o ano de 2020 dentro de uma normalidade aparente mesmo com as notícias já circulando ao redor do mundo de que havia um vírus muito cruel circulando em terras muito distante de nós, e por aqui talvez por sermos considerados um lugar longínquo do resto do mundo não assustava tanto a notícia até mesmo para nossas autoridades que até então não tomara nenhuma medida para evitar que o vírus entrasse em nosso país. As nossas fronteiras e aeroportos continuavam abertos, o carnaval que traz sempre pessoas do mundo inteiro aconteceu e todo mundo seguia seu fluxo.

Vimos perceber que algo estava acontecendo quando no Amazonas registrou o primeiro caso da doença que foi em uma sexta feira dia 13 de março de 2020, a paciente era uma mulher de 39 anos que tinha chegado recentemente de Londres. O vírus o acompanhou nesta viagem querendo novos ares, novo sol, novos coloridos da Amazônia, ambiente ideal para a mutação do vírus, que meses depois causaria uma grande tragédia em nosso Estado. Em seguida, após esta confirmação no dia 16 de março de 2020 tivemos o primeiro decreto do governo do Estado do Amazonas suspendendo as atividades não essenciais, fecharam as escolas e as universidades, não podia mais circular, aí se iniciava o isolamento pra uns privilegiados e a luta pela sobrevivência na rua dos isolados e abandonados socialmente.

Vivo na comunidade indígena Parque das Tribos localizado às margens do Rio Tarumã Açu, local distante do centro da cidade, aqui vivem 700 famílias de 30 etnias, mas temos família não indígenas que buscaram moradia e foram acolhidos, um lugar onde as ruas são de terra batida, onde os Urues (crianças na língua Witoto) correm o dia inteiro brincando e sendo criança, aqui estamos cercado pela mata verde da floresta que ainda resiste e ainda somos abraçados pelo Rio Negro que corre atrás de nossas casas pelo braço do Rio Tarumã Açu, as casas em sua maioria feita de compensado medindo 4x4 em um território de 10x20 que carrega o sonho de ter um lugar digno pra viver e vivenciar sua cultura. Nossa energia não é regular na maior



parte da comunidade, o famoso “gato” e por isso sofremos constantemente com a falta de energia, água potável na torneira chegou somente em janeiro de 2021, passamos a pandemia inteira sem água.

Mas em nosso território não foi o vírus que chegou primeiro, com a suspensão das atividades não essenciais nossas famílias foram afetadas primeiro com a fome. E a fome para os povos indígenas em contexto de cidade é algo muito presente e doloroso em nosso dia a dia pois na cidade não temos território suficiente para que possamos fazer roças, não conseguimos pescar para garantir o alimento do dia e aqui o sistema é capitalista, tudo precisa de dinheiro e como muitos não conseguem ser absorvido pelo mercado de trabalho por não terem estudos e maioria das nossas famílias são lideradas por mulheres que cuidam de seus filhos, e são elas que provêm alimento para suas famílias através do artesanato que elas produzem e vendem fora da comunidade nas feiras locais e nas universidades onde seus filhos estudam ou através do trabalho doméstico.

Diante dessa necessidade, iniciamos uma campanha nas redes sociais para garantir alimentação das nossas famílias, à medida que ia passando os dias mais famílias apresentavam a mesma necessidade por alimento e a nossa campanha se intensificou nas redes sociais, mobilizamos a universidade, os amigos, a sociedade de uma forma geral, para que pudessem trazer algo para saciar a fome aqui.

À medida que se intensificaram as notícias na TV de que o vírus avançava em nossa cidade e a cada dia o número de internações aumentava, eu tive a iniciativa de fazer orientações de distanciamento social e uso de máscara que estavam sendo orientadas pelas organizações de saúde, comecei a gravar pequenos vídeos demonstrando como se usa a máscara, quais os cuidados deveríamos ter e principalmente a preocupação diante da orientação de isolamento pois nossas casas são muito pequenas e abrigam muitas pessoas dentro, este isolamento e esta orientação não era adequada, não fazia sentido para nós. Além do aspecto físico imposto pelas nossas moradias o aspecto cultural dos nossos povos também dificultou este isolamento, nossas famílias costumam viver em ambientes coletivos onde se come junto no chão de suas salas onde dormem em redes em quartos

pequenos com cinco, seis e sete redes têm famílias com onze membros, como orientar o isolamento não fazia sentido.

A partir do entendimento que não era possível esse isolamento o nosso foco foi na orientação do uso das máscaras, então no momento que estivessem juntos todos pudessem fazer o uso de máscaras e assim que alguém tivesse sintomas pudesse entrar em contato comigo por mais leve que fosse o sintoma, então começamos a relatar os sintomas que estavam sendo colocados na TV que as pessoas estavam sentindo e a minha orientação era que assim que ela sentisse um desses sintomas como febre, dor de cabeça, coriza no nariz, tosse, elas pudessem entrar em contato comigo imediatamente para que pudséssemos dar atenção àquele sintoma que apresentava. Além dessas orientações, começamos a fazer os chás das nossas medicinas tradicionais, foram orientados para que tomássemos antes de apresentar os sintomas e quando os sintomas apresentavam, se intensificaram o uso.

No final de março começaram os primeiros sintomas de febre, tosse, dores no corpo, comecei a receber ligação dos nossos parentes pedindo remédio para febre, naquele momento se inicia uma das experiências que nunca pensei viver, precisei de coragem para enfrentar o medo da doença até então desconhecida e sem nenhuma orientação de cura. Naquele momento onde os grandes desafio era ter equipamentos de proteção individual que pudesse garantir a minha segurança, os parentes não tinham condição de comprar máscaras e aí diante disso, sugeri a minha mãe por ela saber costurar, iniciasse uma produção de máscara que pudesse doar para os parentes que estavam tossindo, comprei 6 m de TNT e minha mãe começa a costurar com duas costureiras, uma Munduruku e outra Baré, e orientamos aos parentes que aqueles que estivessem tossindo pudesse mandar alguém buscar um par de máscara para seu uso individual. Aquelas máscaras de TNT foram usadas por mim inicialmente pois era as únicas que tínhamos para minha proteção, usava chinelo, calça comprida e um avental de tecido que eu tenho da minha área de enfermagem, alguém me ligava pra mim, pra conhecer os materiais e visitar os parentes, naquele momento inicial eu tinha apenas um termômetro e um aferidor de pressão arterial, com o aumento da demanda pedido ação nas redes sociais para que as pessoas pudessem me ajudar com equipamentos de proteção adequado,

além de equipamentos que pudesse cuidar melhor dos parentes, graças à solidariedade de muitos recebi capote descartável, máscaras N95, protetor facial oxímetro .

Inicialmente comecei a cuidar de 5 pessoas depois de 10 horas quando foi em abril estávamos com 40 indígenas apresentando sintomas de covid, mas até então por ter sido sintomas leves como se fosse gripe. Porém no dia 16 de abril recebi uma ligação às 7 horas da noite de um parente tuyuka relatando que sua mãe se encontrava com muitas dores no peito e não conseguia respirar direito com muita tosse e febre. Estava chegando na comunidade pois naquele dia estava trabalhando no ambulatório Alfredo da Matta. Após tomar um banho coloquei uma máscara, um avental, uma luva, coloquei meus equipamentos de temperatura, oxímetro e o aferidor de pressão arterial e me dirigir a sua casa, as ruas escuras dificultava caminhada na noite mas consegui chegar, a chegar em sua casa encontrou a parente deitada na rede tossindo bastante, respiração ofegante, toca em seu braço e percebo que sua temperatura está muito elevada ao aferir sua temperatura que estava 40 graus, coloco o esfigmomanômetro em seu braço e sua pressão arterial estava elevadíssima mentindo 170 por 11, tentei fazer algumas perguntas para saber o que ela estava sentindo além do que eu estava vendo, ela não conseguia me responder pois a tosse cada tentativa de fala aumentava significativamente, coloquei o oxímetro em seu dedo a sua saturação média 87% fora dos padrões normais. Naquele momento eu me senti desorientada no sentido do que fazer, pois os seus parâmetros estavam todos alterados e o medo de que realmente aquela era uma situação de covid19. Naquele momento percebi que a nossa comunidade estava afetada pelo vírus, não retirei ela da rede e como ela apresentava dificuldade respiratória eu me retirei do local e fui tentar da minha residência fazer a chamada para ambulância para que pudesse transportar em segurança. Meus familiares não permitiram eu a levasse em meu carro pelo risco que apresentava de ser contaminada, meu pai falava minha filha não vá você precisa estar bem para cuidar das outras pessoas e diante de sua fala liguei para o SAMU, fiz a identificação da paciente como indígena e a comunidade da qual estávamos falando que era o parque das Tribos, quando eu me referir a paciente indígena a atendente me pediu para contatar a sesai pois é ela que cuida de índio, nesse momento precisei

respirar fundo e explicar a ela que nós somos indígenas em contextos de cidade e que por conta disso a sesai não nos atendia, não nos reconhecem contra indígena fora dos nossos territórios e ela insistia que nós temos um hospital específico para sermos atendidos, mas na verdade não havia nenhum hospital apenas a promessa da ministra Damares em construir um hospital para atender nossos parentes, diante da insistência de que eu precisava dar um ambulância para levar a minha parente ela resolve pedir dois pontos de referência para liberar ambulância porém nossa comunidade fica distante do centro da cidade o que nos cercam é a floresta Amazônia e o rio Tarumã Açu, temos um balneário à frente da comunidade porém não apresentava no seu mapa, por conta disso não foi possível liberar a ambulância, desliguei o telefone e contrariando a minha família coloquei duas máscara no rosto, peguei o meu carro e fui buscar nossa parenta com todo medo de ser infectado, com o nível de que ela pudesse ter uma parada no caminho, eu e o seu filho a colocamos no carro e às 8h da noite a levamos na UPA Campos Sales onde ela foi atendida em emergência, colocaram uma pulseira Rosa nela e ali eu percebi realmente que ela estava com o vírus. Após a sua entrada às 18h30 na unidade de pronto atendimento passaram-se horas para termos retorno de que ela estava bem, ficamos até às 3h da manhã em pé aguardando por suas notícias, de tanta insistência uma atendente buscou informação e nos disse que ela iria ficar internada e que poderíamos voltar para casa. Mas uma das piores experiências vivenciadas além destas foram a negligência do poder público com os povos indígenas em contexto de cidade durante a pandemia inteira, nossas comunidades ficaram desassistidas pelo poder público, todas as ações realizadas de cuidado e orientação partiram do conhecimento ancestral dos nossos povos com nossas medicinas tradicionais, os nossos benzimentos nossa defumação, e graça à sociedade Manauara e de outros lugares também que se mobilizaram para garantia de remédio, de alimento, de proteção para nossas comunidades pois sem eles não poderíamos também fazer nada. E à medida que a doença avançava mais angústia, mais pessoas, e no dia 13 de maio tivemos o primeiro óbito da nossa comunidade, a nossa liderança maior da comunidade, o cacique inicia rocama de 53 anos veio a óbito pela doença, foi um momento de muita tristeza de não ter conseguido salvar sua vida diante de todo o esforço que tivemos para que a sua vida fosse restaurada,

a cidade estava um caos, não havia leito suficiente para as pessoas e o medo de ir para o hospital e não retornar mais fez com que ele não buscasse o hospital, ele dizia que era índio forte da beira do Solimões e que esse vírus não pegaria, o vírus é muito cruel, arrancou uma das raízes fortes da nossa comunidade. O ano inteiro de 2020 se deu por longas caminhadas em nossa comunidade buscando ajudar os parentes. Já em 2021 com a segunda onda da covid-19 nossa comunidade foi afetada novamente pela covid-19, nesse momento tranças da comunidades se organizaram para construção de uma cobertura que pudesse atender os nossos parentes pois na segunda onda o vírus foi muito mais forte e afetou muito mais gente no mesmo tempo não permitindo que eu pudesse dar atenção a uma pessoa, construindo uma pequena cobertura onde colocamos redes, entramos em contato novamente através das redes sociais pedindo ajuda da sociedade para que pudéssemos estruturar com oxigênio hands a soro, remédios que a gente pudesse dar um atendimento digno para os nossos parentes diante do caos que se instalou novamente na nossa capital, não tinha oxigênio para todo mundo muitas pessoas morreram por falta de oxigênio e na nossa comunidade graças ao apoio da sociedade tivemos oxigênio, tivemos um suporte mesmo que precário que garantiu a vida dos nossos parentes.

Sou muito grata aos nossos espíritos sagrados por ter dado sabedoria para conduzir o enfrentamento da covid-19, todo nosso conhecimento ancestral das nossas medicinas tradicionais garantindo a sobrevivência da maioria dos nossos parentes diante desse cenário caótico da nossa cidade vivenciou, tivemos apenas dois óbitos na nossa comunidade e diante disso ficamos gratos e lamentamos pelas duas mortes mas se lembramos a vida dos que continuam de pé. Passei muitos dias com o corpo muito cansada, não comia direito, mas entendia que aquela volta tinha sido direcionada para mim pois eu tinha tido a oportunidade de ter informado como técnica de enfermagem e naquele momento todo conhecimento adquirido foi fundamental para a garantia da vida dos nossos parentes, celebro a vida do meu pai e da minha mãe e da minha família por estarem do meu lado contribuindo da melhor forma possível e me deram muita força para não desistir pois o fardo era muito largado.

## WELLINGTON BRASIL DA COSTA JUNIOR

Acadêmico do curso de Teatro  
na Escola Superior de Artes e Turismo  
da Universidade do Estado do Amazonas - UEA  
E-mail: wbcj.tea17@uea.eu.br

Moro no coração da periferia de Manaus, Jorge Teixeira é o nome do bairro. A dúvida e o medo eram sentimentos estabelecidos porque alguns vizinhos começam a nos deixar e o número óbitos crescia cada vez mais, naquele momento o medo era ficar enfermo com qualquer doença uma vez que um vizinho vítima de infarto não foi atendido no hospital mais próximo e faleceu, o sentimento é de estado de guerra, sem ter pra onde correr ou pedir ajuda.

Em meio a esse redemoinho de caos, meu irmão e a sua esposa que trabalham no distrito industrial foram acometidos pela covid-19, tudo parecia a um fio de desmoronar, pois naquele momento a cidade de Manaus já era o epicentro da doença no Brasil.

Alguns diziam que o vírus é democrático que infecta a todos sem distinção, eu discordo, muito simbólico a primeira morte por covid19 ser uma empregada doméstica, uma vez que sua patroa foi a transmissora, a patroa teve condições de se tratar enquanto a empregada doméstica não, e, faleceu, o vírus tem dois aspectos, o social e o técnico.

Em várias crenças o mito do fim do mundo é presente, já ouvi que aconteceria em 2000, 2006 ou 2012, mas nunca imaginei que seria dessa forma. O mundo acabou, e a partir de agora, o que nascerá nesse novo mundo? Qual mundo nós deixamos antes da pandemia? São perguntas que volta e meia vem à cabeça, e pensar que no início desse ano quase houve a terceira guerra mundial, viver tantos fatos históricos assim de uma só vez é muito cansativo, disse um amigo que concordo.

## WELLINGTON DIAS

Professor do curso de Teatro da Escola Superior de Artes e Turismo  
da Universidade do Estado do Amazonas

E-mail: wdias@uea.edu.br

No momento em que o mundo parou, em que tantas vidas se foram longe e perto de nós, fico a me perguntar que sentido tem o existir. Por entre sensações de desencanto, fragilidade, finitude e suspensão do tempo me vi fazendo uma análise diária de quais missões e sonhos ainda são capazes de nos tirar desse fundo do poço ao qual chegamos, não apenas em nosso país, mas no mundo.

Os encontros virtuais foram os possíveis refúgios, as ligações telefônicas com amigos, parentes e colegas de trabalho voltaram a povoar o meu cotidiano antes tão acostumado a encontros presenciais. Teve vários momentos em que a comunicação mediada por tecnologias me saturou, fiquei bugado, em pânico, cansado de tantos estímulos virtuais em meio ao cenário caótico e a avalanche de notícias tristes a cada dia.

Isolar-se, não sair nem mesmo no corredor do próprio prédio com medo de ser contaminado com esse vírus que o mundo ainda desconhecia seus modos de contágio e efeitos mortais...

Com resiliência, silêncio e olhando a cidade de Manaus pela janela por alguns meses pude viver uma das experiências mais dilacerantes de vida até então. Estar só, isolado, com uma mistura de sentimentos dentro do peito, querendo por vezes gritar, chorar, correr dentro de casa para manter a esperança de estar vivo e resistir dia após dia.

Dias melhores vieram e virão. Fui vacinado, mas por dentro a sensação de impotência e desalento por tantas pessoas que se foram sem essa oportunidade simples de imunização em um país que já foi referência mundial em vacinação, com uma estrutura pública de saúde modelo para muitas nações até de primeiro mundo.

Uma revolta sobe à garganta, inquieta-me por dentro e por fora pensar que só chegamos a esse colapso porque estamos com um presidente genocida e sua corja de aliados que desumanamente fizeram e fazem de tudo para lucrar e se beneficiar politicamente com todo esse horror que já extirpou a vida de mais de 520 mil brasileiros e brasileiras.

Por todas, todes e todos que se foram estendo a minha homenagem neste momento.

Que a justiça seja feita e que todos os culpados pelo avanço da pandemia de Covid-19 no Brasil sejam punidos e responsabilizados!

Axé!



# Extensão em Revista

ISSN: 2525-5347

Edição Especial

## RECORTES

Manuela Fernanda de Souza Albuquerque

Povo Baré

Acadêmica de Licenciatura em Geografia na Escola

Normal Superior da Universidade do Estado do

Amazonas

mfsa.geo17@uea.edu.br



Título: Retomada na produção artesanal

Autor: Manuela Albuquerque

Local: Manaus- AM

Participante: Manuela Albuquerque

Título: Buscando materiais e inspiração  
no quintal de casa

Autor: Iane Maxine Nazeazeno Silva

Local: Manaus-AM

Participante: Manuela Albuquerque





# Extensão em Revista

ISSN: 2525-5347

Edição Especial

## RECORTES

Célia Aparecida Bettiol

Professora na Escola Normal Superior da  
Universidade do Estado do Amazonas

celiabbettiol@gmail.com

Título: Atravessamentos  
Autor da foto: José Mir Justino da Costa  
Local: Rio Purus-AM  
Participante: Célia Aparecida Bettiol



Título: O Sagrado  
Autor: Célia Aparecida Bettiol  
Local: Minha casa, Manaus-AM  
Participantes: Célia Aparecida Bettiol





# Extensão em Revista

ISSN: 2525-5347

Edição Especial

## RECORTES

Luiz Davi Vieira

Professor no Curso de  
Teatro na Escola Superior de Artes e Turismo  
da Universidade do Estado do Amazonas

luizdavipesquisa@hotmail.com



Título: Poesias do real  
Autor: Luiz Davi Vieira  
Local: Manaus- AM

Título: Eu sou um outro você  
Autor: Luiz Davi Vieira  
Local: Goiânia- Goiás  
Participantes: Julia Peu, Luiz  
Davi filho, Luiz Davi pai, Amália  
Vieira



# Extensão em Revista

ISSN: 2525-5347

Edição Especial

## RECORTES

Dante Gabriel

Acadêmico de Licenciatura em Teatro na  
Escola Superior de Artes e Turismo da  
Universidade do Estado do Amazonas

[lummertzgabriel@gmail.com](mailto:lummertzgabriel@gmail.com)



Título: Imanifesto

Autor Dante Gabriel

Local: residência, Manaus (AM)

Título: Inconhecível

Autor: Dante Gabriel

Local: residência, cidade: Manaus  
(AM)





# Extensão em Revista

ISSN: 2525-5347

Edição Especial

## RECORTES

Jeiviane Justiniano

Professora na Escola Normal Superior da  
Universidade do Estado do Amazonas

jjustiniano@uea.edu.br



Título: Minha família (2020)

Autora da Foto: Jeiviane Justiniano

Local: Manaus / AM

Participantes: Família

Título: Marcha das mulheres  
em Brasília (2019)

Autora da foto: Jeiviane  
Justiniano

Local: Brasília

Participantes: mulheres  
indígenas





Margareth Botero Dias Vaz

Etnia Dessana

Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras  
Língua Portuguesa da Escola Normal Superior  
da Universidade do Estado do Amazonas

mbdv.let18@uea.edu.br



Título: Recarregando as energias

Autor: Vanda Ortega Witoto

Local: Parque das Tribos

Participantes: Margareth Botero Dias Vaz



Marineusa Granjeiro dos Santos

Acadêmica de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa na Escola Normal Superior da Universidade do Estado do Amazonas

Mgds.let18@uea.edu.br



Título: O recomeço

Autor da foto: Marineusa Granjeiro

Local: Centro de Manaus (AM)

Título: Lugar Fronteiriço; Manaus tua vida normal, Iranduba tua família

Autor da foto: Marineusa Granjeiro





# Extensão em Revista

ISSN: 2525-5347

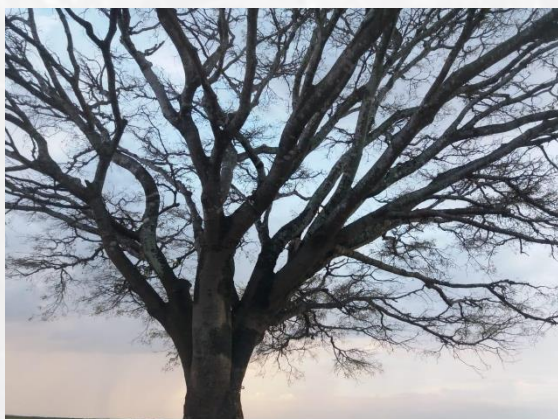
Edição Especial

## RECORTES

Miller Brito dos Santos

Acadêmico do curso de Licenciatura em Letras  
Língua Portuguesa na Escola Normal Superior  
da Universidade do Estado Amazonas

millerbrito91@gmail.com



Título: Traços de um lar  
Autor da foto: Miller Brito  
Local: Muratubinha (PA)

Título: Caminhos

Autor da foto: Miller Brito

Local: Lago do Muratubinha (PA)



Título: Ancestralidade

Autor da foto: desconhecido

Local: Muratubinha (PA)

Participante da foto: Benedita



# Extensão em Revista

ISSN: 2525-5347

Edição Especial

## RECORTES

Wellington (Ton) Brasil

Acadêmico de Licenciatura em Teatro na Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas

wbcj.tea17@uea.eu.br



Título: Instantes Isolados durante o Caos

Autor da foto: Ton Brasil

Local: Jorge Teixeira - Zona Leste.  
Minha casa, Manaus-AM



# Extensão em Revista

ISSN: 2525-5347

Edição Especial

## RECORTES

Deise Socorro da Silva

Etnia Baré

Acadêmica do curso de Pedagogia na Escola Normal Superior - Universidade do Estado do Amazonas

dsdsg.ped@uea.edu.br



Título: Ervas Medicinais Natural

Autora: Deise Galvão

Local: Quintal de minha residência

Participantes da foto: Mastruz, Jambú, Boldo Chinês, Crajirú, Saratudo, Orantu

Título: Ervas Medicinais Natural  
Autora: Deise Galvão

Local: Quintal de minha  
residência Participantes da foto:  
Arruda





# Extensão em Revista

ISSN: 2525-5347

Edição Especial

## RECORTES

Abelardo Feliciano Firmino

Acadêmico de Licenciatura em Ciências  
Biológicas na Universidade do Estado do

Amazonas – UEA

aff.bio17@uea.edu.br

Título: Tratando peixe.

Autor: Abelardo Feliciano Firmino

Local: Bairro Chapada, Manaus-Am

Participantes: Abelardo Feliciano Firmin,  
dona Vezenita Izidorio Feliciano (mãe) e  
Arlene Gonzaga João (esposa)



Título: A família

Autor: Rosana Marcos

Local: Comunidade Vila Independente,  
município de São Paulo de Olivença

Participantes: Arlene Gonzaga e Lucinda  
(vizinha)

Título: Preparo do Pajuaru, bebida  
típica dos Tikunas.

Autor: Abelardo Feliciano Firmino

Local: Comunidade Vila Independente,  
município São Paulo de Olivença.

Participantes: dona Vezenita Izidoria  
Feliciano (mãe)





# Extensão em Revista

ISSN: 2525-5347

Edição Especial

## RECORTES

Darcineia Gonçalves Saldanha- Etnia  
Kubeo

Acadêmica do curso de enfermagem da  
Escola Superior de Ciências da Saúde da  
Universidade do Estado do Amazonas

dgs.enf17@uea.edu.br



Título: Antes da Pandemia

Foto: Darcineia G. Saldanha  
Mauriane R. Soares

Local: UEA/ESA, Manaus

Título: Família e pandemia

Foto: Darcineia G. Saldanha, Daniela G.  
Saldanha e Emanuel H. Saldanha

Local: São Gabriel da Cachoeira (AM)



Título: Um horizonte de esperança

Foto: Darcineia G. Saldanha, Dernival  
G. Saldanha e Emanuel H. Saldanha

Local: Morro da Boa Esperança- São  
Gabriel da Cachoeira (AM)



# Extensão em Revista

ISSN: 2525-5347

Edição Especial

## RECORTES

Estélio Lopes Cardoso

Povo Munduruku

Geógrafo pela Escola Normal Superior - UEA,  
atualmente mestrando em Geografia no  
PPGG/UNIR

elcr.geo17@uea.edu.br

Título: Os cuidados dos técnicos da  
saúde indígena contra a Covid-19

Autor: Lene Izel

Local: Casa do cacique da aldeia Kwatá

Participantes: Técnica de Enf. Vanilce  
Freitas, Manuel Cardoso Munduruku e  
sua esposa Maria das Dores Lopes  
Cardoso



Título: Antes da Pandemia, em 8 de  
fevereiro de 2020

Autor: Maristele Nunes Cardoso

Local: Aldeia Kwatá

Participantes da foto: Cacique Manuel  
Cardoso Munduruku e Estélio Lopes  
Cardoso Munduruku

Título: Um momento de conexão com  
a paisagem cultural Munduruku

Autor: Makswel Lopes Cardoso

Local: Lado esquerdo do Rio Canumã

Participante da foto: Estélio Lopes  
Cardoso Munduruku





## RECORTES

# Extensão em Revista

ISSN: 2525-5347

Edição Especial

Viviane Palandi

Acadêmica do curso de licenciatura em  
Teatro na Escola Superior de Artes e  
Turismo da Universidade do Estado do  
Amazonas

vp.tea19@uea.edu.br



Título: Acolhimento na casa da família de Adalgiso Serra de Sousa, Neuriza Figueira Pinheiro de Sousa e a pequena Morgana.

Autor: Viviane Palandi

Local: Monte das Oliveiras – Manaus / AM (2020)

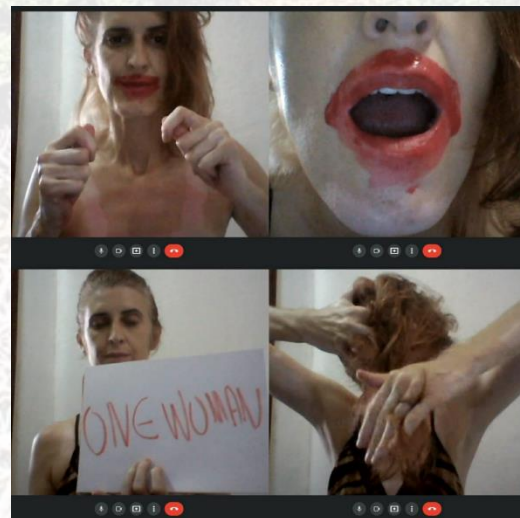
Participantes: Adalgiso Serra de Sousa, Neuriza Figueira Pinheiro de Sousa e a pequena Morgana.

Título: Experimento performático One Woman: pesquisa desenvolvida durante o isolamento social, com o apoio do PAIC – ESAT – UEA, sob orientação do prof. Luiz Davi Vieira Gonçalves (2020 – 2021).

Autor: Viviane Palandi

Local: Manaus / AM (2020 - 2021)

Participantes: Viviane Palandi



Título: Fotoperformance “ensaio para um parir”.

Autor: Viviane Palandi

Local: Santo Antônio de Posse / SP (2020)

Participantes: Viviane Palandi



# Extensão em Revista

ISSN: 2525-5347

Edição Especial

## RECORTES

Mayara Batista

Povo Sateré-Mawé

Acadêmica do curso de Licenciatura em Biologia  
na Escola Normal Superior - Universidade do

Estado do Amazonas

mpbt.bio@uea.edu.br



Título: Presente e futuro

Autora: Mayara Batista

Local: Escola Normal Superior

Participantes da foto: Mayara Batista e Yara Sateré-  
Mawé

**MEMÓRIAS DO ISOLAMENTO****Darcineia Gonçalves Saldanha****Povo Kubeo**Acadêmica de Enfermagem na Escola Superior de  
Ciências da Saúde da Universidade do Estado do  
Amazonas - UEA

E-mail: dgs.enf17@uea.edu.br

**PANDEMIA HĀRĀWŪ'RE WAIYE BAKE**

Pūka ūhūa pandemia yóbo bahu, kārehā yū ārū'wū kai'yede, pōewā yái'wūre no hūoiñamīaī, mā hoaroāi parare nūāwū habua bake, āimarā peda, būkūwa, bohūwū, hūedowa, pōewā koapa, aru no henebo apewū āuwe yái'wū, nopé teiwūre hāri kuékumaino mateawū, pōewā obediwū ameno waiwūre, mahe kūridū kaino kawū, hāru ūrārō tīōkako, hārāwū ihié mahā're beobe'wū, pandemia yope teni mahāre hāwūwāwū.

Aipi nūmū bahú ārūme tebe kobu, hārāwūa, ūhūa, wainī dokiebo, pōewā koapa, né ameno waiye bakede dápia yarāmā ne umeī, kūwarā hārāmu mähāke pū mähē yáinōmuīta.

Nōpe tekíye hipokare, yū dakáko yoi ĩmarōi buekorayo, hiwūre hokārī, yūmare, buenī, memeīyde memehīwārī, apewū teiyepe yūmare hiwūre kadatehiwārī ayo, apewū apūrī oá dama aru yū mare oá kodo mo arī dápia kako. Māhewūre hokārī hoai kūru mayohawū. Aru, pandemia cohiorī kari, pūeno maiyoharō teawū. Apareka ameno bahú waibeī dukako, hi korewaimārā mahiye yūre kada teimā, ūbeīta, hiwūre iyé ēñū covi-19 hēinomū ayo amēina dapiakako, hidūrī ume kūtekako, nōpe teyo, ñamiāre kāiye mahibe tekako. Aipie bahūr'e āmé boró're hapia koidika yū arī dapiakako, apareka keda waikako. Pōewā hi korewaimārā, hi yoaimāra, aru, hi kūrō tūkawa kawūre yáiamada ayede hapiakako hārāwūa koapa, aipe teino bahú tama kari yo hārāwū mahe kūridū, yope tení bihāra hiwū bate kemarī mahā areawū yūre.

Keda wūorūmūā peda, pōewā koapa iyé ēñū covid-19, haruawu, mahe kūridū hoarō kawū pōewā're haruwawū; bueyāmiā, memeye, bohedai tukubūa, caiye coapa, bieni hebeiye bateawū, imārōa coapa, hawei



haruainōa peda pararenōāwō; hōiñamiā buiye mātūawō, hōi'pōewā ūetūiwō, pōewā hoabe hoabe ameno kōmahe ārōha teni bihaima; kōrámímīa kōharā, etabeharā, hōi'pōewā ne aiyede pōewā hō abe teima no ameno bahu teni hāyowa kiede, nōpe teiye bohe, ūre pōewāre bihare are aimā, bahuá bakede keda uī'kobeā arī dápīnoma dudene haru'aima; ñārānawiwa obediwōre iyé ēñu haruwawō, mähāre pāpiwāre obebewō peda nōwāwō, mähē hōoye mākārōke, pupye aru ñārānawi hōoye bahu mahie mähāre hēhukūrūi nope teawō, ūbeīta kari, bukuware mähāre hokarī nōwaiyé hebewō, no cohiyorī mähā ūrārō bihawō, nopé teni bu yoboreka, kari dema pōewā nōpedabu.

Doa'iyē eda'iyē mahie deka mēārō'pe dapura teawō, ubeīta, habowa, mahie mamarō mīata mena hāri kuhuru, ūre bahu pōewā biha behe bu, apenūmō teiwō apūhemo kārehā.

Yo pandemia, mahe apūrō hoarō kōkiye bu mahāke, aru kari, dūibareka cohedeka, pōewā koapa, meateni kopaiyama, ne memeyede, bueiye, caihiene, ūbeīta, aipinōmu bahu mahāre meateni copaibebu, aipiwu pōewā newōre hokarī bihai marāmakawō kari hārawuare kārehā tōiūwū bu. Ihidi ūhure waīwō mahā, aru kari, dūibareka mahe memeīyde, bueiye, aipe aiyede kohedeka aiye haūwu, mē dāpiarī.

## MEMÓRIAS DA PANDEMIA

Após, exatos 2 anos de pandemia, eu ainda tenho memórias constantes sobre pessoas morrendo em leitos de hospitais, corpos espalhados pelas ruas, como se fossem animais, idosos, jovens, adultos, crianças, todas as pessoas, sem distinção, e no meio desse caos todo, haviam pessoas passando fome, vendo tudo isso, foi aterrorizante, milhares de pessoas, no mundo todo, morrendo de uma maneira que nenhuma palavra será capaz de descrever, ver isso acontecer diante dos meus olhos, entre medo, pavor e desespero e tristeza, me deixou muito abalada, as doenças quando chegam não escolhem quem levar, e a pandemia, de forma mais cruel nos mostrou isso.

Nunca vou esquecer o que se passou, mesmo que se passem dias, anos, o que cada pessoa sentiu e viveu, vai nos acompanhar até o fim da vida.

Antes disso, eu vim pra cá na cidade, estudar, deixei minha família, com o objetivo de estudar, futuramente conseguir um emprego e poder ajudar meu povo, via outras pessoas conquistando espaços, então, pensei comigo mesma, se eles conseguem, eu também consigo. Morar longe da família é difícil. Com a pandemia se tornou mais difícil ainda. Mas graças a Deus, consegui me manter com ajuda das pessoas que serei eternamente grata, porém, o medo de que a Covid-19 logo chegaria à minha família era tanto, que não conseguia dormir. O medo de receber alguma notícia de perdas me assombrava dia e noite, mas graças a Deus, não perdi nenhum familiar. No entanto, recebi notícias de perdas de pessoas conhecidas, amigos, vizinhos, diariamente, e isso me abalou profundamente, que me fez questionar, o que está acontecendo com o mundo, será que esse é o nosso fim?

Foi tão surreal, a forma como a Covid-19 ceifou milhares de vidas no mundo todo; escolas, trabalhos, lojas, tudo foi fechado, cidades pareciam fantasmas, sem circulação de pessoas, ruas vazias; hospitais lotados, profissionais de saúde sobrecarregados, pessoas morrendo a cada segundo; o caos se alastrou rapidamente pelo fato das pessoas ignorarem as recomendações dos profissionais de saúde, e por descumprirem as orientações, nos levou onde chegamos, colapso da saúde pública, corpos jogados nas covas improvisadas, sem nenhum cuidado, reduzidos a números, separados dos seus; a covid Covid ceifou tantas vidas, principalmente dos brancos, porque, para nós indígenas, o que segurou a tragédia maior, foram os remédios caseiros, os benzimentos e claro os remédios do branco também, porém, perdemos grandes lideranças indígenas, perdas irreparáveis, e após todo esse cenário caótico que passamos, as pessoas ainda continuam se descuidando.

A chegada da vacina, foi um fio de esperança para todos nós, se não fosse pela ignorância, descaso e incompetência das autoridades, talvez, muitas das vidas que se foram, pudessem também, ter a chance de viver, hoje ainda estariam aqui, conosco.

Os rastros da pandemia, vão nos acompanhar até o fim de nossas vidas, isso é fato, os momentos mais sombrios se passaram, agora, aos poucos, a gente vai retomando a nossa vida, nossas ocupações, planos, sonhos, só que nunca será como antes e nada vai apagar isso, nem o tempo. Tivemos nossas vidas pausadas durante dois anos e juntos, nossos sonhos, planos, agora, é hora de retomarmos tudo isso novamente, cada um no seu tempo e do seu modo, com a esperança de dias melhores.

**MEMÓRIAS DO ISOLAMENTO****Inara Vieira Sateré****Povo Sateré Mawé**

Acadêmico de Geografia na Escola Normal Superior da

Universidade do Estado do Amazonas – UEA

E-mail: ivds.geo21@uea.edu.br

**SATERÉ EKO MOHEG THWH MANAUS PIAT HAP**

Uhehary Wyti, Poog tuwemuênhamâna'I yjcin piat uruweropat hamuat etc.

Aikotã pote som tuwat kuap to'e hap, i'e wyte te'eruweropât kuap tawa wato pé, uinyênmenput'in – e – hap.

Mi'I haype tohenoi – hanoi, aikotã tapejia eko – iewyte wepokuap hap ko'i...

temiariru – in puo.

Korã ti'i tu ta'atuwaure to'é hawe.

Uhehary wyti put'ok'e wejûr, wat twaci wato Manaus – ehap – we – 17 – e cikaiu wywo toty Tereza Wywo 1970 – e a Kaiupe.

Iwaneritup hap wyti ijân piat.

tapyiai wepotpâp moherep hap.

Temiariru – in piat – tomyêmenpyt – in waku rakanuat.

Aiwepokuap hap, I'ewyte, Sateré pusuahehay – wyti aru toigne'en

Karaiwa – in to'orân piat, aiwekawiano hamo aiwywo mesuwe,

Aiwemuesaika kuap hamo.

Uhehary wyti himo,

Ipopâp kahato tuwepy hamo.

Te'eni piat to'ôt hawyi

Wyti tuwewairu – wairu haype...  
 Tuwepy Sateré puso puo,  
 Pi'ig to'e haype.

Mi'i wyti wy nug'i – nug'i – e –  
 Kuap hat totonug kuap kahato  
 Wity wahi mi'i hawyi  
 Irânia pi'ig – ehap ko'i.

Wentup e ât wyti to'e ra'yn  
 Uruepuo... waku ti eiperia wy  
 Ewehepap yne uimisepap-ko'i-e.

Mi'I hawyi uru'atukay-kay-yne  
 Uru wepy hamo  
 Uru wat'i – wat'I uruiparera'at  
 Wepuehay ko'i.  
 Jân'ânpe – hiwaré – mi'i hawyi  
 Urutuwepy.

I'ewyte uruwepy papuo  
 Uruewairu – uruwire'ite tupano  
 Yt kat'ite uruwemonti hap.

Mi'I tupano kora – te urutioto  
 Mekewat – uruehary piat urumu'e hap motpap

I-ewyte wy uruwemu'e hap-uruwepy hap  
 Torânia e at pe –  
 At weroky – hap – ejan me te.

Mi'i tusake uruehary – wanentup hap  
 Typy'i wywuat uirokaria wepy hap  
 Ete ra'yn put'ok'e...

Hawyi toi'atunug hirokaria,  
Wepy hanuaria.  
Mi'ite okhik'e wepy hanuaria.

Mi'i hawyi tohet'ok  
Jã' ânpe – kurin.e.  
Itotepyi wyte tuwekuap

(Tupy'i Rakaria – Puratig)  
Grupo – Puratig.

Mejêwat wity tuweuap  
Harypória – in sok puapyi...  
Moi – Sateré – Marta Aria – Milca Hunajig – Ilca Hywi Hawyi  
Uehary Kutera, hawyu toig wy  
Ehaignia – in py – py – e haria  
Ase'i Benedito hawyi – irania – in...  
Mei muê Waria wywo  
Wyti pyno.

Ayûnpe – ayûnpe urukay – kay – turan urutuwat.  
Urutuwe py hamo.

Uruehary piat urumu'e hap  
Uruto – hemiariru – in urutioto  
Yjân me.

Aikota topiat urumu'e hap – e wy  
Yt karampe kuap'i uruiwauré.  
Uruwywo wat'i eat pe,  
Toigne – en... uruwe'eg hawe – uruwanentup hawe  
Mi'i porerokosap uruepiat.

Kaitywy hot'ok'e uhete  
Aikowat mu'ap wakuat

Atikuap – ra – yn.

Uhehary mienoi wywo

Areigne – en wuat’i e at pe

Mejuwat tawa wato,

Manaus – ehap tote.

A reigne – en Manaus pe pykai

Aito sateré tira – yn.

### RESISTÊNCIA DA CULTURA INDÍGENA SATERÊ-MAWÉ EM MANAUS

Minha vó sempre se preocupava com o futuro da sua geração e dos netos. Ela sempre falava como poderíamos manter a nossa cultura e costumes, mesmo morando na cidade. Minha vó, Teila Kutera, veio para Manaus aos 17 anos com minha bisavó, Tereza Ferreira, na década de 70. Ela tinha essa preocupação em como seus netos iriam preservar a sua identidade Sateré-Mawé na capital, pois a língua portuguesa era mais forte.

Ela gostava muito de cantar, na sua rede, enquanto se embalava e tecia crochê nas cuias, ela cantava pequenos e hinos em Sateré. Era também artesã e sempre nos falava “*vocês têm que saber de tudo um pouco*”. Chamava todos os filhos e netos para cantar. Uma pegava o pau-de-chuva, outra pegava o chocalho, outra o reco-reco, o violão, o tambor e o chocalho iamhã-be. Como éramos pequenos, só servíamos para cantar e dançar. E assim começou o trabalho da minha vó em nos ensinar a manter a língua e a falar no nosso dialeto Sateré.

Era sagrado todo o pôr-do-sol na casa da vó. Já sabíamos da nossa responsabilidade de estarmos lá com os instrumentos e prontos para o ensaio. Ela ainda conseguiu formar dois grupos musicais: Ianbé-Curim e o grupo de crianças Parating. O grupo Ianbe-Curim (chocalho que é usado na perna) Curim (pequeno) era formado por mulheres da família, que eram as filhas May Sateré, Marta, Milea Hunain, Ilea Hewe e minha avó Kutera, também tinha os homens que tocavam os instrumentos, meu avô Benedito e meus primos.

Fomos o primeiro grupo cultural indígena em Manaus a mostrar a nossa cultura. Ela também queria envolver os netos e começou a ensaiar conosco e montou o grupo Parating. Gostávamos de nos apresentar e não tínhamos vergonha.

O processo de ensinamento da minha vó deu certo! Foi um processo simples, sim, através das músicas fomos aprendendo a nossa língua Sateré. O canto, os rituais, os banhos de ervas, tudo sobre a nossa tradição e costumes ela conseguiu enraizar em nós.

Sou a terceira geração dessa família de mulheres guerreiras e hoje, levo a frente o grupo cultural Porating com crianças Sateré-Mawé, trabalhando o mesmo método de ensino da minha vó. Hoje as crianças dão continuidade, levando as suas apresentações em escolas, universidades, fóruns, seminários e outros eventos, a cultura Sateré-Mawé.

Hoje eu consigo entender a preocupação dela, eu não sabia que serviria para mim e meus filhos, mas ela sabia. O grupo Porating é formado por crianças Sateré, que leva o canto, o ritual e as histórias. São dez crianças e dois adultos, as crianças ajudam nas composições das músicas e das coreografias, se esforçando para sempre fazer o seu melhor em cada apresentação. Elas são a futura geração do povo Sateré que reside na cidade de Manaus, pois, mesmo morando na capital, jamais deixaremos de ser indígenas e mantemos a nossa cultura viva.



## MEMÓRIAS DO ISOLAMENTO

Maria Alice Paulino

Povo Karapanã

Acadêmico de Teatro na Escola Superior de Artes e Turismo da

Universidade do Estado do Amazonas – UEA

E-mail: madsp.tea20@uea.edu.br

### - Mandwari pé -xari

Akuyu musapiripi Pú ype Pú aikwé decreto wa yandé miraita enfecção covid-19 iru.

Wá Siará usú -xari ixé -sasawa vestibular irum.

-iku uma -mbué inhenga Anamã tá umbesara usú iwasú upita apekatú penhêta -iku ikentawa Anamã, usú sasiara yandé tá yupiruwa yandé tá umasi( takua, sasipira, -murusanga, sasi marika, sasi pulmão). Miraita umanusawa hostipal mídia umukameé puxi masisawa miraita médico dsei-mao -semuwaita tendawa.

-rikutá wa -nupá masisã pusandasa farmácia yanetá tuyú kwawa umasi. Tiupudei umutirika kwa pitá uma tupi wa decreto iru. -mbuá decreto upitua umuasisa hospital irú. Urașiwa se panha semi hospital kit Delfina Aziz irú -rikú -su hospital -purugita ainda Yara. Puxuera pusanga umunha hospital público irú, yandé meé seserawara , -sasawa, mandawari, semú Aki rikuta umuasi tiuruku médico.

Umanú semú yasú pisika documento semú o Muiiri umupinima umanusá semú hospital irú. Yaxiu,, mudado -mundeka luto, umbuaa ara arama kit wá ara miraita umbuaá -rikú wá umukameé wá -mundú - mundeka wá umanu - rikú yutima digno.

Tapú suú umukameé Suri umunhã -mupurará wá musapiri poderes município, Estado e federal pitá umunhã puxisá -mundeka. Sicari uprotegeisa upuse rui miratá inocente tá. Se panha umunhã tratamento arunhu covid-19,-rikú Ypê ala covid-19 upita ixé asú a pisika se panha viveu 41 arata. Umuatiri né bira tá, netos, bisneto penhêta autoridade,

médico pajés, religioso tá. Ixé -iku xukui puraki, te umbuaá a pitua covid-19.

Se rera Pixunã.

## MEMÓRIA DE ISOLAMENTO

Na data de 15 de março de 2020, quando houve o decreto para todos ficarem em casa devido à infecção do Covid-19. Para quem havia começado uma faculdade, que por várias vezes foi adiada ou tentando passar no vestibular. E estar em sala de aula bilíngue indígena como professora, foi difícil se manter longe de todos com quem estava acostumada a estar presente na vida dos parentes, colegas e familiares. Foi um sentimento de impotência diante da causa que estava iniciando para a vida de todos, começaram todos adoecer (febre alta, dores por todo corpo, tosses e infecção intestinal e pulmão).

Pessoas morrendo nos hospitais, a mídia expando como terrorismo, equipe dos médicos do dsei-mao que saíram de área. Usamos o que tínhamos para combater a doença, remédios caseiros e farmácias. Os nossos anciãos mais velhos tinham graves condições de saúde. Já não podíamos estar juntos, pois tínhamos que ficar em casa por causa do decreto. Mas o decreto não impedia a morte nos hospitais. Até o momento em que houve a determinação de remover o meu pai e meu irmão para o hospital Delfina Aziz, tive que sair e ir até o hospital para ter a notícia deles. É revoltante o tratamento que é dado às pessoas nos hospitais públicos, que são mantidos com nossos impostos. A partir desse momento pensei em sair, visitar os irmãos e parentes, sabendo que todos já estavam doentes. Tive que buscar ajuda médica, de produtos alimentícios e ajuda social.

Como o falecimento do meu irmão, fui buscar ajuda jurídica junto aos órgãos federais após ter lido o documento que o meu irmão assinou para ser cobaia no hospital.

Chorar, viver o luto, não havia tempo para isso, se neste momento as pessoas não tinham direito de escolher se podiam viver ou morrer e ter um

enterro digno. Pois, eram tratadas como animais. Parece que o prazer era fazer sofrer mais. Mas por parte dos três poderes do município, Estado e federal estão no poder causando sofrimento em nossas vidas. Achando que estava imune só na segunda onda que sentiram o peso do sangue das pessoas inocentes.

O meu pai tinha feito todo o tratamento de Covid-19, mas mesmo assim foi internado na ala do Covid-19, tive mais uma vez que entrar novamente na ala do Covid-19 para tirar o meu pai, foram dados 48h para ele viver, mas graças a Deus, viveu 41 dias. Reuniu filhos, netos, bisnetos, autoridade, médico, pajés, religiosos, entre outros. Ainda estou aqui na luta, pois ainda não terminou.

Extensão  
em Revista



**PROEX**  
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO  
E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS

